



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**O PROTAGONISMO DA MULHER
NAS LUTAS DE RUA DO RIO**

GABRIEL NACIF PAES

Rio de Janeiro

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**O PROTAGONISMO DA MULHER
NAS LUTAS DE RUA DO RIO**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social – Jornalismo.

GABRIEL NACIF PAES

Orientador: Prof. Dante Gastaldoni

Rio de Janeiro

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

PAES, Gabriel Nacif.

O protagonismo da mulher nas lutas de rua do Rio. Rio de Janeiro, 2019.

Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo),
Escola de Comunicação – ECO –, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Orientador: Dante Gastaldoni

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **O protagonismo da mulher nas lutas de rua do Rio**, elaborada por Gabriel Nacif Paes.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dante Gastaldoni
Mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense – UFF
Departamento de Comunicação – UFRJ

Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa
Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense – UFF
Departamento de Comunicação – UFRJ

Dominique Antunes Ribeiro
Pós-Graduada em Gestão do Conhecimento pela Coppe/UFRJ

Rio de Janeiro

2019

*“Depois de tantos planos tramados
Nas pastas de Kissinger
E em tantas fardas cegas
Que continuam a temer uma terra
Afro-latina e Ameríndia
Tão sugada quanto resistente
Tão sugada quanto resistente
Democracia sem dentes é o nosso presente
Fingindo não ter mais senhor”
(F.U.R.T.O.)*

PAES, Gabriel Nacif. **O protagonismo da mulher nas lutas de rua do Rio**. Orientador: Dante Gastaldoni. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2019.

RESUMO

O fotolivro “O protagonismo da mulher nas lutas de Rua do Rio” tem como objetivo destacar a importância da presença feminina em manifestações de caráter progressista através da fotografia. Produzido com imagens autorais, a obra apresenta fotos de mulheres em protestos realizados entre 2017 e 2019 na cidade do Rio de Janeiro. O referencial teórico do projeto está centrado no fortalecimento do conservadorismo em nosso país ao longo dos últimos anos e na reação das mulheres ao ocuparem os espaços públicos para defender seus direitos. Também serão abordados o machismo e a importância da responsabilidade social na fotografia brasileira.

Palavras-chave: fotojornalismo; fotografia; mulher; protesto; manifestação.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. MULHER, POLÍTICA E LUTAS DE RUA CONTEMPORÂNEAS.....	5
2.1. FORTALECIMENTO DO CONSERVADORISMO.....	5
2.2. A RESPOSTA DAS MULHERES NAS RUAS.....	8
3. FOTOGRAFIA E RESPONSABILIDADE SOCIAL.....	14
3.1. O OLHAR COMBATIVO DE WANIA CORREDO.....	18
3.2. O OLHAR MEMORIALISTA DE CLAUDIA FERREIRA.....	20
4. MACHISMO NO FOTOJORNALISMO.....	23
5. MEMORIAL DESCRITIVO DO FOTOLIVRO.....	28
5.1. INSPIRAÇÃO.....	28
5.2. CONTEXTO POLÍTICO.....	28
5.3. RECORTE TEMÁTICO.....	29
5.4. PROTESTOS.....	30
5.5. ABORDAGEM FOTOGRÁFICA.....	41
5.6. EQUIPAMENTOS TÉCNICOS.....	41
5.7. EDIÇÃO DAS IMAGENS.....	42
5.8. DIAGRAMAÇÃO.....	42
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
8. APÊNDICE A – IMAGENS DOS PROTESTOS	

1. INTRODUÇÃO

Em 2019, a fotografia completou 180 anos entre nós. Ao menos se levarmos em conta sua “descoberta oficial”, apresentada ao mundo pela Academia de Ciências e Belas Artes de Paris, em 19 de agosto de 1839. Sabemos que outras experiências do gênero vinham sendo registradas desde 1826, mas foi com a invenção do daguerreótipo, primeiro equipamento fotográfico fabricado em escala comercial, desenvolvido pelo francês Louis Jacques Mandé Daguerre, que a fotografia ganhou repercussão midiática e projeção internacional. Ao longo desses quase dois séculos, o mundo sofreu grandes transformações sociais e tecnológicas, acompanhadas de perto pela fotografia tanto na documentação dos processos políticos em curso quanto na incorporação dos avanços tecnológicos. Pode-se dizer, inclusive, que a proliferação da fotografia nos séculos XIX e XX contribuiu decisivamente para o estabelecimento da “Civilização da Imagem” identificada por Roland Barthes em seu já clássico “A Câmara Clara” (1980).

Já no campo dos direitos da mulher não é possível dizer o mesmo: as conquistas andam lentamente. Em 1893, 54 anos depois do nascimento da fotografia, elas conquistaram o direito ao voto na Nova Zelândia, primeiro país a estabelecer o sufrágio feminino. No Brasil, isso só aconteceria em 1932, durante o governo de Getúlio Vargas. Ainda hoje, elas têm seus direitos suprimidos e negados por uma sociedade que é organizada a partir de princípios patriarcais, onde o papel de liderança costuma ser sempre atribuído à figura masculina. O machismo e a desigualdade de gênero são realidades concretas com as quais as mulheres convivem nas relações pessoais e profissionais durante toda sua trajetória de vida. O medo de sofrer com a violência de gênero, seja física, sexual ou psicológica, é outro fantasma que as assombra ininterruptamente, além de legislações que impedem às mulheres uma autonomia sobre os próprios corpos.

Ao enfrentar esse sistema, que impõe normas e condutas à figura feminina, elas ocupam os espaços públicos para reivindicar melhorias sociais. Este projeto tem como finalidade usar a fotografia para exaltar o papel dessas mulheres, que enxergam as ruas como um local de resistência e luta contra todos os tipos de opressão. Para tal, junto com as discussões teóricas, este trabalho apresentará o fotolivro “O protagonismo da mulher nas lutas de rua do Rio”, produzido com imagens autorais da presença feminina em protestos realizados na cidade do Rio de Janeiro. Nele estão eternizados os rostos, cartazes e faixas dessas bravas manifestantes.

Desde 2017, o autor vem fotografando manifestações de caráter progressista, o que resultou na consolidação de um considerável acervo sobre a temática dos protestos sociais. O desejo era utilizar este material no trabalho de conclusão de curso, mas faltava definir o recorte temático que seria usado no desenvolvimento da presente monografia. Após conversas com o orientador, acompanhadas pela análise do material fotografado, a ideia de fecharmos o foco nas mulheres foi ganhando corpo, até porque saltava aos olhos uma presença recorrente de mulheres nos registros fotográficos que vinham sendo produzidos. Decidido a abordar um tema de relevância social que dialogasse com a realidade contemporânea, o autor optou por apresentar os protestos a partir da figura da mulher.

As manifestações fotografadas foram diversas, com pautas variadas e convocadas por diferentes setores da sociedade. Algumas lideradas diretamente por mulheres, outras como parte de uma organização mais ampla, mas todas que serão apresentadas neste trabalho têm em comum a massiva presença feminina. No fotolivro objeto deste TCC, a mulher será apresentada como um ser político e personagem principal das lutas sociais em curso. Apesar de sofrerem com a falta de representatividade na política institucional, elas parecem ter encontrado nas ruas um ambiente para expressar coletivamente suas reivindicações.

Mesmo constituindo 51,7% da população brasileira e 52,5% do eleitorado¹, as mulheres detêm uma parcela modesta dos cargos nos Poderes Executivo e Legislativo. Esses postos de alta hierarquia são dominados pelos homens, que ao longo da história ocupam majoritariamente os espaços de poder e tomada de decisão. Na atual composição da Câmara Federal, elas representam apenas 15% dos deputados, enquanto no Senado Federal somente 13% dos parlamentares². Em nível municipal e estadual, os números são ainda menores. Em 2018, a presença feminina nas câmaras de vereadores³ e prefeituras⁴ era de 13,5% e 11,16%, respectivamente. Em relação aos 27 governadores eleitos no ano passado, uma única candidata foi vencedora⁵. Dentre os 38 presidentes da história do Brasil, só há uma mulher: Dilma Rousseff.

¹ Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2019/Marco/numero-de-mulheres-eleitas-em-2018-cresce-52-6-em-relacao-a-2014>>. Acesso em: 1 de setembro de 2019.

² Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/03/07/minoria-no-congresso-mulheres-lutam-por-mais-participacao>>. Acesso em: 1 de setembro de 2019.

³ Disponível em: <<https://oig.cepal.org/pt/indicadores/mulheres-vereadoras-eleitas>>. Acesso em: 1 de setembro de 2019.

⁴ Disponível em: <<https://oig.cepal.org/es/node/1506>>. Acesso em: 1 de setembro de 2019.

⁵ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/28/veja-quem-sao-os-27-governadores-eleitos-nas-eleicoes-deste-ano.ghtml>>. Acesso em: 1 de setembro de 2019.

Pareceu-nos também que aproveitar a conclusão do curso para desenvolver um trabalho acadêmico voltado à temática de gênero faria sentido no atual contexto político do país. Com a ascensão recente do conservadorismo no Brasil, as mulheres passaram a representar um grupo mais vulnerável ao machismo e à misoginia presentes em uma sociedade fundamentada historicamente a partir de princípios patriarcais. Entendemos que usar a fotografia para enaltecer a presença feminina nas passeatas seria uma forma de assumir o caráter de responsabilidade social do jornalismo, já que a defesa dos interesses da população, principalmente dos grupos marginalizados, está prevista como um dos pilares da profissão no juramento de formatura.

Além da descrição do processo de montagem do fotolivro, este memorial descritivo apresenta o referencial teórico que serviu de suporte para sua produção. Os principais autores utilizados na revisão da literatura serão a filósofa feminista Simone de Beauvoir e o sociólogo Pierre Bourdieu, os quais discutem as relações de gênero e sua influência na vida das mulheres. Os demais textos utilizados constituem uma bibliografia contemporânea que dialoga com o atual momento político e social do país.

No capítulo dois, "Mulher, política e lutas de rua contemporâneas", é debatido o crescimento do conservadorismo no Brasil, de que maneira ele afeta as mulheres e como elas organizaram grandes manifestações para lutar contra ameaças aos seus direitos. Três importantes mobilizações femininas serão apresentadas e contextualizadas: a Primavera Feminista, o ato contra a PEC 181 e o movimento #EleNão.

O capítulo três, "Fotografia e responsabilidade social", pretende demonstrar o valor de uma fotografia alternativa aos grandes veículos de informação. Será destacada a necessidade de o fotojornalista atuar de forma independente para não ser submetido aos interesses políticos e econômicos da imprensa tradicional. A importância de fotografias registradas por mulheres e/ou sobre mulheres em protestos também será abordada.

No capítulo quatro, a discussão aborda o "Machismo no fotojornalismo". E já que o trabalho é de natureza prática e usa a fotografia para tratar uma questão de gênero, por que não debater também o tema dentro da profissão? Para tanto, são apresentadas e discutidas algumas questões que reforçam o fato da carreira no fotojornalismo, desde seu surgimento, ter sido dominada pelos homens, com as mulheres sendo sistematicamente invisibilizadas e oprimidas.

Para fortalecer os eixos do referencial teórico, trechos de três entrevistas realizadas com uma liderança partidária e duas fotojornalistas são reproduzidos ao longo do trabalho,

oferecendo uma espécie de apoio conceitual para entendermos a questão de gênero no atual cenário político e social brasileiro. Por fim, no capítulo cinco, o “Memorial descritivo do fotolivro” apresenta as etapas da produção e pós-produção das imagens produzidas; os protestos em que foram registradas; e um breve contexto histórico do momento político que o país atravessava durante a realização deste projeto. O fotolivro será entregue em dois formatos para a banca examinadora deste trabalho: uma versão impressa e outra digital.

É importante ressaltar que o autor reconhece sua condição privilegiada de homem em uma sociedade opressora às mulheres e tem consciência de que são elas as protagonistas de suas lutas e responsáveis por pautar suas demandas sociais. Este projeto não tem o objetivo de assumir um lugar de fala que não lhe pertence, mas sim prestar solidariedade às reivindicações das mulheres. Trata-se de apresentar, através das fotografias que registram a presença feminina nas manifestações, um olhar particular de apoio à construção de um Brasil mais justo e igualitário.

2. MULHER, POLÍTICA E LUTAS DE RUA CONTEMPORÂNEAS

Quando os direitos das mulheres são ameaçados, há rapidamente uma resposta nas ruas. No Brasil, ao longo dos últimos anos, elas organizaram grandes manifestações para lutar contra o machismo e a sociedade patriarcal expressos em medidas legislativas e figuras políticas. Os protestos ocorreram em meio a um período conturbado na vida política do país, marcado pela consolidação de um *ethos* de caráter reacionário, implantado com grande apelo popular.

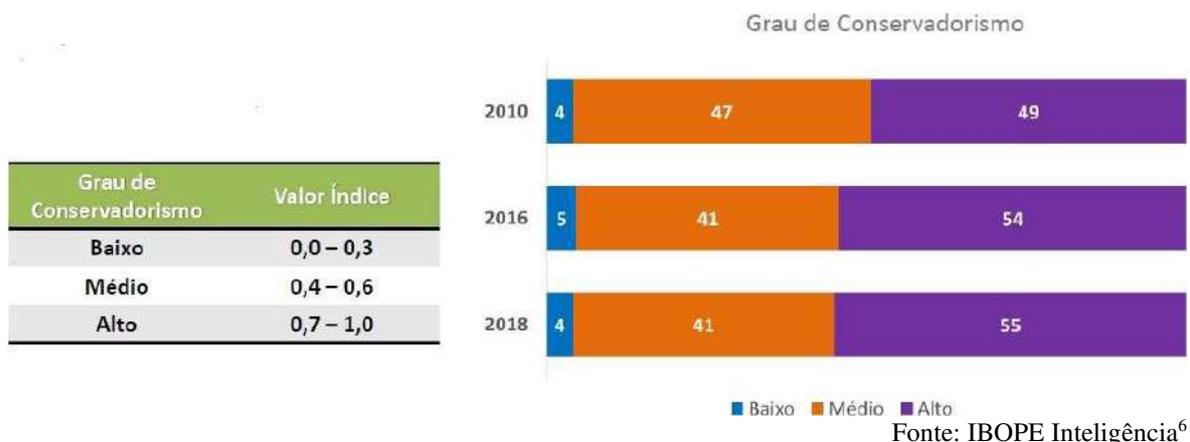
2.1 Fortalecimento do conservadorismo

Nos últimos anos, o Brasil passou por grandes transformações na esfera política. Ao mesmo tempo em que essas mudanças foram estabelecidas, uma onda de conservadorismo ganhou força no país.

De fato, a crescente onda de conservadorismo que tem sido observada no Brasil reflete-se nas mais diferentes searas sociais, sobretudo no endurecimento do pensamento autoritário, misógino, religioso e fundamentalista. Nesse sentido, nota-se – até com certo grau de apatia – a expansão dos pensamentos fascistas, sobretudo na seara política e legislativa. (FIDELES; RABELO, 2018, p. 667)

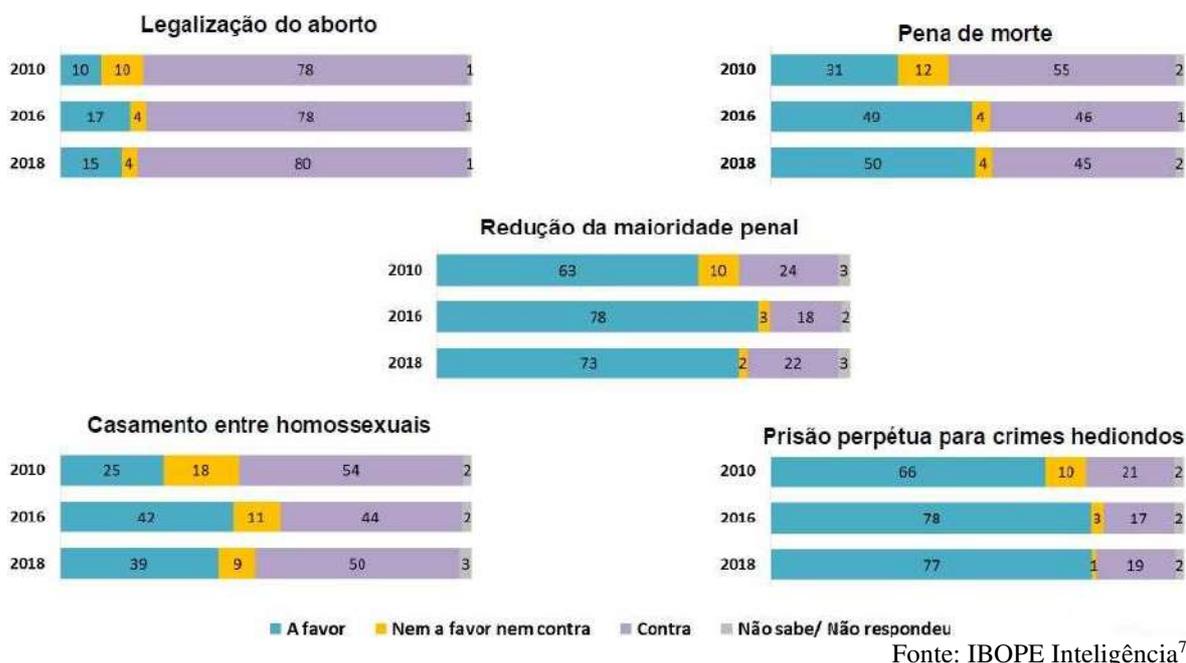
Um levantamento realizado pelo IBOPE Inteligência mediu o índice de conservadorismo do brasileiro, a partir de seu posicionamento em relação a cinco temas: casamento entre pessoas do mesmo sexo; legalização do aborto; redução da maioridade penal; prisão perpétua para crimes hediondos; adoção da pena de morte. Os resultados mostram que o pensamento conservador aumentou nesta década. Em uma escala de 0 a 1, o nível de conservadorismo do cidadão em 2018 foi de 0,689. Esse valor corresponde a um índice médio, mas bem próximo do alto. Os dados também apontaram que mais da metade da população possui um grau de conservadorismo elevado.

Figura 1: Nível de conservadorismo do brasileiro entre 2010 e 2018



Em relação ao posicionamento sobre as cinco pautas que nortearam a pesquisa, também fica evidente uma mudança comportamental do brasileiro nos últimos anos. Em 2018, por exemplo, 80% da população era contra a legalização do aborto e 50% a favor da pena de morte e contra o casamento entre homossexuais.

Figura 2: Posicionamento do brasileiro sobre as pautas



Entre os grupos sociais mais afetados por esse movimento reacionário está, sem dúvidas, o formado pelas mulheres. Dentre os muitos episódios ocorridos recentemente

⁶ Disponível em: <<http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/cresce-o-grau-de-conservadorismo-do-brasileiro-em-alguns-temas/>>. Acesso em: 10 de setembro de 2019.

⁷ Disponível em: <<http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/cresce-o-grau-de-conservadorismo-do-brasileiro-em-alguns-temas/>>. Acesso em: 10 de setembro de 2019.

que evidenciam tal discriminação é possível destacar: (1) o Projeto de Lei 5069/2013⁸, que pretendia burocratizar o acesso ao aborto legal às vítimas de abuso sexual, além de dificultar o acesso à pílula do dia seguinte pelo Sistema Único de Saúde (SUS); (2) a inexistente presença feminina no primeiro gabinete ministerial do ex-presidente Michel Temer, fato que não ocorria desde a Ditadura Militar; (3) o Projeto de Emenda Constitucional 181/2015⁹, que buscava criminalizar o aborto até mesmo em casos permitidos pelo Código Penal (quando o feto é anencéfalo, quando a gravidez for resultado de estupro, ou quando é a única forma de salvar a vida da gestante); (4) o assassinato da vereadora carioca Marielle Franco, defensora dos direitos humanos e das minorias; (5) a eleição de Jair Bolsonaro, político reconhecido por declarações machistas, racistas e homofóbicas, para a presidência da república; e, por fim, (6) a escolha de Damares Alves, pastora neopentecostal e conservadora, para comandar o Ministério da Mulher Família e Direitos Humanos no governo de Bolsonaro.

Vale destacar que o próprio processo de impeachment sofrido pela ex-presidenta Dilma Rousseff, em 2016, foi bastante marcado por ataques misóginos à sua honra e dignidade.

Foram inúmeros casos de xingamentos dentro e fora da internet. Alguns deles ficaram marcados em nossa memória, como as vaias à presidenta durante a abertura da Copa do Mundo em 2014, onde claramente se ouvia insultos como “vagabunda” e “vadia”; e os adesivos para carros que chegaram a ser vendidos no Mercado Livre e traziam um discurso extremamente sexista. (SILVA et al., 2017, p. 9)

É importante ressaltar que a opressão sofrida pelas mulheres está presente ao longo de toda a história, embora se mostre mais evidente em nossos dias devido ao já comentado momento histórico de fortalecimento do conservadorismo. Segundo a filósofa Simone De Beauvoir, “o triunfo do patriarcado não foi nem um acaso nem o resultado de uma revolução violenta. Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos” (BEAUVOIR, 1970, p. 97). Isso significa que “a sociedade sempre foi masculina; o poder político sempre esteve nas mãos dos homens” (BEAUVOIR, 1970, p. 91).

⁸ Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=565882>>. Acesso em: 10 de setembro de 2019.

⁹ Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2075449>>. Acesso em: 10 de setembro de 2019.

2.2 A resposta das mulheres nas ruas

A onda conservadora, no entanto, “não ocorre sem contraforças e pontos de fuga, de tal modo que a situação política tem sido de persistente e reificada polarização, que se intensificou a cada novo evento eleitoral, tanto no sistema político como na população” (ALMEIDA, 2019, p. 187). As mulheres estão se organizando, ao longo dos últimos anos, para estabelecer um processo de resistência ao pensamento reacionário no Brasil. Essa luta fica evidente quando analisamos o protagonismo da figura feminina na organização de diversos protestos de caráter progressista que aconteceram recentemente no país.

Ao acentuarem-se valores e práticas de caráter conservador, o patriarcado se fortalece e se difunde, sendo evidenciado nas sistemáticas contraposições às lutas feministas, nos índices alarmantes de violência contra as mulheres, de tipos distintos, estupros com requintes de crueldade, intolerância e criminalização das mulheres como na pauta pela livre decisão de interrupção de gravidez. (OLIVEIRA, 2018, p. 847)

A aprovação do Projeto de Lei 5069/2013, na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara Federal em 2015, por exemplo, gerou grandes manifestações protagonizadas por mulheres em todo o país: a chamada Primavera Feminista. Ao perceber a tentativa de dificultar a realização do aborto em vítimas de estupro e o acesso à pílula do dia seguinte de forma gratuita, elas se organizaram para impedir que o projeto de autoria do ex-deputado federal Eduardo Cunha viesse a ser aprovado em plenário. Cunha, membro da Bancada Evangélica e na época presidente da Câmara Federal, foi inclusive o principal alvo desses protestos, pois ele representava a agenda conservadora de setores neopentecostais da sociedade que tentam suprimir direitos relacionados à figura da mulher e sua autonomia. “Ao adicionar à agenda do protesto a pauta “Fora Cunha”, as feministas se colocaram como protagonistas de conflito da política nacional” (BRITO, 2017, p. 3).

Os protestos aconteceram em diversas cidades brasileiras, mas aqui atentaremos aos ocorridos no Rio de Janeiro, onde as ruas foram tomadas pela primeira vez no dia 28 de outubro de 2015, no Centro. O ato¹⁰ começou na escadaria da Assembleia Legislativa e seguiu até a Câmara de Vereadores, onde as mulheres escreveram “As ricas abortam. As pobres morrem.” nas paredes. Algumas das palavras de ordem ditas pelas manifestantes foram: “Meu útero é laico”, “Pílula fica, Cunha sai”, “Fora Cunha”, “Cunha é ditador”. Dentre os muitos cartazes carregados por elas, uma faixa com a mensagem “Nenhuma mulher merece ser maltratada, presa ou humilhada por fazer aborto” chamou a atenção.

¹⁰ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/10/1699810-manifestantes-protestam-contracunha-e-pl-do-aborto-no-rio.shtml>>. Acesso em: 11 de setembro de 2019.

Novos protestos com as mesmas pautas repetiram-se nos dias 12 e 25 de novembro daquele mesmo ano. Essa sequência de manifestações organizadas por coletivos feministas reuniu milhares de mulheres e marca “uma fase de conflito acentuado que atravessa a sociedade, caracterizada por uma rápida difusão da ação coletiva de setores mais mobilizados para outros menos mobilizados” (BRITO, 2017, p. 7).

Em novembro de 2017, a questão do aborto voltou a ser discutida no legislativo, o que trouxe novamente a presença feminina às ruas. A Proposta de Emenda Constitucional 181/2015, que tratava inicialmente a extensão da licença maternidade para as mães de filhos prematuros, foi modificada na Comissão Especial da Câmara dos Deputados. O deputado Jorge Mudalem (DEM-SP), também membro da Bancada Evangélica da Câmara, incluiu mudanças na Constituição que poderiam proibir em todos os casos o aborto no Brasil. As alterações visavam adicionar o termo “desde a concepção” nos artigos que dizem respeito à dignidade da pessoa humana e do direito à vida. O fato inclusive chamou a atenção de organizações internacionais, como o Fundo de População das Nações Unidas no Brasil (UNFPA Brasil), a ONU Mulheres no Brasil, o Escritório da Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde no Brasil (OPAS/OMS) e o Escritório Regional para a América do Sul do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH), que em resposta a essa medida reacionária divulgaram uma nota de repúdio:

Na redação atual, a PEC 181/15 retira das mulheres a possibilidade de tomar decisões diante de fatos que implicam em grave violação de seus direitos mais fundamentais, ficando o Estado, por meio da PEC 181/15, com a decisão final e exclusiva sobre a vida e o bem-estar das mulheres e meninas, penalizando duplamente vítimas de violência sexual ou que estejam em situação de risco ou vulnerabilidade.¹¹

Rapidamente, as mulheres articularam atos em todo o país para tentar barrar essa medida. No dia 13 de novembro, ao menos 14 cidades brasileiras foram palco de protestos convocados por coletivos feministas. No Rio de Janeiro, a manifestação¹² começou na Cinelândia, progrediu até a escadaria da Assembleia Legislativa e depois retornou ao local de início. Adolescentes, idosas e mães na companhia de seus filhos participaram do evento, carregando cartazes com palavras de ordem como: “Sem útero, sem opinião”, “Mães e crias pela legalização do aborto”, “Estuprador não é pai”, “Não mereço ser estuprada e

¹¹ Disponível em: <<https://brazil.unfpa.org/pt-br/news/nota-do-unfpa-onu-mulheres-opasoms-e-acnudh-sobre-pec-18115>>. Acesso em 11 de setembro de 2019.

¹² Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/11/13/protesto-contrapec-181.htm>>. Acesso em: 11 de setembro de 2019.

muito menos ter filho de esturador”. Em frente à Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), a Polícia Militar arremessou bombas de gás lacrimogênio contra as manifestantes, fato que gerou grande revolta e gritos contra a instituição de segurança pública.

Esses dois momentos de grande mobilização por parte das mulheres nos últimos anos mostram que é preciso ampliar a discussão da sociedade sobre a questão da criminalização do aborto. Tanto o Projeto de Lei, quanto as mudanças no Projeto de Emenda Constitucional, que motivaram essas manifestações, são de autoria de homens. É necessário que o debate sobre o tema seja protagonizado por elas, que sofrem diretamente com essas possíveis mudanças legislativas.

A criminalização do aborto é – antes de tudo – a criminalização da independência da mulher, da autonomia da vontade de uma categoria que a sociedade machista, bem como todas as suas instituições, acostumou-se a subordinar. É a criminalização da pobreza e da cor, especialmente quando se observa que a mortalidade materna em razão do aborto ocorre, sobretudo, nesse nicho social. (FIDELES; RABELO, 2018, p. 670)

Durante as eleições presidenciais de 2018, um grande contingente de mulheres foi protagonista do movimento de oposição ao na época candidato, hoje presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, reconhecido pelo posicionamento político conservador de extrema-direita. Ao longo de sua carreira na política institucional, ele por diversas vezes expressou opiniões e atitudes que atacam diretamente os direitos de minorias, como as mulheres. Iremos destacar abaixo algumas de suas declarações de caráter misógino, machista e sexista.

Em 2003, após discussão com a deputada Maria do Rosário no Congresso Nacional, ele afirmou que jamais a esturaria, porque ela não merecia, além de a chamar de vagabunda. Onze anos depois, no plenário da Câmara Federal, Bolsonaro novamente ofendeu Rosário, proferindo as mesmas palavras sobre o estupro¹³. Em 2011, ao responder à pergunta "Se seu filho se apaixonasse por uma negra, o que você faria?" feita pela cantora Preta Gil, no programa CQC, da TV Bandeirantes, Bolsonaro falou: “Preta, não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro esse risco, e meus filhos foram muito bem-educados e não viveram em um ambiente como, lamentavelmente, é o teu”¹⁴. Durante sessão solene que lembrou os 50 anos do Golpe Militar de 1964, em

¹³ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/12/1559815-para-rebater-deputada-bolsonaro-diz-que-nao-a-esturaria.shtml>>. Acesso em: 11 de setembro de 2019.

¹⁴ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2011/03/deputado-associa-na-tv-namoro-com-negras-promiscuidade.html>>. Acesso em: 11 de setembro de 2019.

2014, na Câmara Federal, ele chamou uma repórter da Rede TV de idiota e analfabeta¹⁵. Ao ser entrevistado pelo jornal Zero Hora, em 2015, Bolsonaro disse que as mulheres deveriam ganhar menos que os homens, pois engravidavam¹⁶. Em 2016, na votação do processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, também na Câmara, ele fez uma saudação ao coronel Brilhante Ustra¹⁷, o primeiro militar reconhecido pela Justiça do país como torturador. Ustra era o comandante do DOI-Codi, principal órgão de repressão aos opositores da Ditadura Militar, na época em que Dilma foi presa e torturada. Em 2017, Bolsonaro disse que sua filha foi fruto de uma “fraquejada”, já que ele tem outros quatro filhos homens¹⁸.

Os posicionamentos de Bolsonaro durante sua trajetória política influenciaram diretamente a forma como ele foi avaliado pelas mulheres durante a eleição de 2018. Seu índice de rejeição entre elas chegou a 54% durante a campanha do primeiro turno¹⁹. Nesse período, surgiu no facebook o grupo “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro”, espaço destinado ao debate de mulheres que discordavam da postura de Bolsonaro em relação às temáticas de gênero. O grupo, que hoje se chama “Mulheres Unidas com o Brasil”²⁰ e reúne cerca de 2,5 milhões de pessoas, foi responsável pela criação da hashtag #EleNão, que viralizou nas redes sociais e tornou-se o lema de oposição à candidatura de Bolsonaro à presidência da república.

Nesse sentido, é interessante pensar como os movimentos de grupos sociais que buscam visibilidade para as suas lutas têm se utilizado das hashtags para divulgar as situações de injustiça pelos quais passam. O movimento feminista tem sido um dos principais articuladores de hashtags que mobilizam a partir das emoções para denunciar e trazer para o debate virtual o problema da desigualdade de gênero na sociedade. (BARBOSA, 2019, p. 88)

A partir da mobilização virtual dessas mulheres, grandes manifestações foram organizadas durante a eleição. Em 29 de setembro de 2018, ao menos 114 cidades do país receberam protestos contrários ao então candidato, hoje presidente. Chamou a atenção a diversidade de manifestantes nesses atos, que reuniram partidos políticos, torcidas

¹⁵ Disponível em: <<https://natelinha.uol.com.br/noticias/2014/04/02/jair-bolsonaro-chama-jornalista-da-redetv-de-idiota-e-analfabeta-73476.php>>. Acesso em: 11 de setembro de 2019.

¹⁶ Disponível em: <<https://revistacrescer.globo.com/Familia/Maes-e-Trabalho/noticia/2015/02/jair-bolsonaro-diz-que-mulher-deve-ganhar-salario-menor-porque-engravidada.html>>. Acesso em: 11 de setembro de 2019.

¹⁷ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/04/1763027-bolsonaro-fez-apologia-ao-crime-na-votacao-do-impeachment-diz-oab.shtml>>. Acesso em: 11 de setembro de 2019.

¹⁸ Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/blog/pop/jair-bolsonaro-polemica-palestra/>>. Acesso em: 13 de setembro de 2019.

¹⁹ Disponível em: <<https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/215021/bolsonaro-tem-54-de-rejeicao-entre-mulheres.htm>>. Acesso em: 13 de setembro de 2019.

²⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/grupomuch/>>. Acesso em: 14 de setembro de 2019.

organizadas de futebol, blocos de carnaval, policiais e eleitores tanto de esquerda, quanto de direita. As milhares de pessoas que participaram dessas passeatas uniram-se para gritar “Ele Não”, “Ele Nunca”, além de palavras de ordem em defesa da democracia, dos direitos humanos e contra o fascismo. Foi um movimento liderado por mulheres, mas que tomou grandes proporções e englobou pautas que iam além das questões de gênero. No Rio, a concentração foi na Cinelândia, onde elas amamentaram seus filhos na escadaria da Câmara de Vereadores e entoaram cantos contra Bolsonaro. Após a leitura de um manifesto em forma de jogral, as manifestantes seguiram em direção à Praça XV. O ato²¹ reuniu 200 mil pessoas, segundo os organizadores, o que o torna um dos maiores da história da cidade. Novas manifestações aconteceram nos dias 20 e 26 de outubro daquele mesmo ano, onde Bolsonaro foi novamente o alvo dos presentes. “O movimento #elenão, em 2018, foi o maior evento político nas ruas e também virtual organizado por mulheres na história do país” (BARBOSA, 2019, p. 88).

A advogada, professora universitária e militante feminista Luciana Boiteux afirma que as grandes manifestações lideradas por mulheres nos últimos anos se tornaram eventos de massa porque o feminismo vem conseguindo ampliar o debate relacionado às questões de gênero para outros setores da sociedade: “Estamos lutando contra todos os tipos de opressão e contra as estruturas. Não pode ser uma luta só de mulheres, mas é muito importante que seja protagonizada por elas” (BOITEUX, 2019)²². Boiteux explica que hoje há uma ampla participação feminina em partidos políticos e movimentos sociais, o que permite que as pautas do movimento feminista estejam em evidência e mobilizem a população, principalmente através das redes sociais: “Hoje, a luta feminista tem que, especialmente, não só dar continuidade às lutas históricas pela igualdade, espaços na política, legalização do aborto e violência de gênero, mas também à luta por igualdade contra o sistema capitalista que oprime a todos” (BOITEUX, 2019).

Filiada ao PSOL e candidata a coprefeita do Rio de Janeiro em 2016, na chapa montada com o deputado federal Marcelo Freixo, Luciana Boiteux acredita que o feminismo é construído em conjunto, por isso é muito importante ocupar os espaços públicos para reivindicar direitos: “Estar nas ruas é um ato político, especialmente porque é uma forma de você expressar coletivamente uma voz. É se reconhecer coletivamente e construir mobilizações para mostrar uma força de transformação que precisa ser coletiva”

²¹ Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/09/29/atos-contr-a-e-a-favor-de-bolsonaro-tomam-cidades-brasileiras-e-do-mundo.htm>>. Acesso em: 14 de setembro de 2019.

²² Entrevista concedida ao autor. Rio de Janeiro. 28 de maio de 2019.

(BOITEUX, 2019). A advogada lembra que o direito de livre manifestação foi historicamente negado às mulheres, devido a existência do patriarcado. Dessa forma, atos políticos protagonizados por figuras femininas tornam-se ainda mais importantes: “As nossas avós não podiam nem estar nas ruas sem o marido, ou decidirem por si só. Para as mulheres, estar nas ruas e reivindicar é algo ainda mais forte que para os homens, que já tradicionalmente ocupam aquele espaço” (BOITEUX, 2019).

Segundo Boiteux, é importante que as mulheres estejam organizadas no atual momento político do país, já que o fortalecimento do conservadorismo é também uma ameaça aos direitos já conquistados por elas, como a legalidade do aborto em caso de estupro: “A reivindicação das mulheres não é para si só, é uma reivindicação de transformação social para acabar com o patriarcado, machismo e modificar as estruturas” (BOITEUX, 2019). A militante feminista destaca que os setores reacionários da sociedade querem impedir que as mulheres tenham autonomia, independência e liberdade.

Esse tensionamento de parte dos conservadores contra as mulheres, no fundo, demonstra que eles estão incomodados com nossos avanços. Eles sabem que quando uma mulher avança a sociedade toda avança. Isso demonstra também como as estruturas conservadoras e como a “heteromacho política” está definindo rumos hoje e atraindo uma mobilização extremada para a direita. (BOITEUX, 2019)

3. FOTOGRAFIA E RESPONSABILIDADE SOCIAL

Nas mãos, o fotógrafo carrega muito mais que uma câmera. Ele leva consigo uma ferramenta capaz de proporcionar reflexões acerca dos problemas sociais e econômicos do mundo em que está inserido. A fotografia é apenas um recorte da realidade, segundo Silva (2019), um jogo de mostrar e esconder, no qual ao enquadrar determinado assunto, automaticamente você pode estar excluindo outro. Nesse sentido, tanto ela pode camuflar como colocar em evidência as relações de dominação e resistência que permeiam o tecido social. É importante que o profissional de fotojornalismo tenha consciência disso, para que o seu trabalho incentive o pensamento crítico e não perpetue estereótipos e desigualdades. O ato de fotografar é também um ato político, já que “qualquer que seja o assunto registrado na fotografia, esta também documentará a visão de mundo do fotógrafo” (KOSSOY, 2012, p. 52).

O registro visual documenta, por outro lado a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si mesmo, enquanto forma de expressão pessoal. (KOSSOY, 2012, p.44)

Exercer esse papel, no entanto, torna-se difícil diante de um cenário de concentração dos meios de comunicação, onde questões econômicas e políticas se sobrepõem ao interesse público ao definir pautas e publicar notícias. Os grandes veículos de informação submetem os fotojornalistas à sua linha editorial, fazendo com que o caráter social de seu trabalho seja suprimido por interesses empresariais. Somado a isso, está o fato de que são cada vez mais tênues os vínculos empregatícios dos profissionais da imagem com as editorias de fotografia no universo da imprensa tradicional. Essa relação hoje é predominantemente caracterizada por uma prestação de serviço na qual o fotógrafo atua como *free lancer*, o que impede que ele participe ativamente do processo de seleção e edição das imagens registradas. De mais a mais, a partir das legendas e dos títulos criados para acompanhar as imagens veiculadas, as fotografias podem receber uma ressignificação completamente diferente daquela concebida pelo fotógrafo.

As fotografias nos jornais, na grande maioria dos casos, ausentam o olhar sobre problemas reais feitos de perdas ontológicas. Em vez da máquina “imprimir a decisão do olho” e, portanto, ter uma decisão ontológica, esta despersonaliza-se pela soberania que decide que se fotografe isto, em vez daquilo. Parece-nos que algum fotojornalismo funciona assim. Deste modo, a ética e a verdade são tão somente figuras ornamentais utilizadas como justificações pelas soberanias de poder. (GONÇALVES, 2018, p. 7)

Diante disso, há atualmente muitos profissionais do fotojornalismo optando por organizar-se de forma independente, de maneira que possam exercer seu trabalho de forma livre, sem a interferência e o filtro imposto pela imprensa convencional. Tendo como objetivo o fortalecimento de um “fotojornalismo autoral e com responsabilidade social, fotógrafos se reúnem e decidem suas próprias pautas alicerçados em temas que, nem sempre, estampam as páginas dos grandes jornais” (OLIVEIRA, 2015, p. 62). Esse processo tem sido evidenciado no Brasil por meio da formação de coletivos, que usam principalmente a internet para construir narrativas que contrapõem o discurso dos grandes meios de comunicação.

Durante os grandes protestos que ocorreram no país em 2013, a ideia de um fotojornalismo alternativo àquele presente na imprensa tradicional ganhou destaque. A partir dele, a sociedade foi capaz de observar as Jornadas de Junho de um ponto de vista diferente daquele veiculado pela grande mídia. A cobertura realizada pela imprensa tradicional foi caracterizada pelo sensacionalismo e teve foco na questão da violência praticada por aqueles que utilizavam a tática de enfrentamento *black bloc* para protestar. Em contrapartida, “os manifestantes e a mídia independente noticiaram o movimento através de outro espectro, justificando o protesto e denunciando excessos da polícia através de imagens e vídeos que se alastraram instantaneamente em mídias sociais” (KOCH; CATELLI, 2014 p. 2). Foi a partir desses registros que a adesão aos protestos aumentou, já que a violência policial indignou grande parte da população.

No documentário “Abaixando a máquina 2 – no limite da linha”, a ascensão da mídia alternativa durante esse período é debatida por profissionais da imprensa e ativistas que vivenciaram as Jornadas de Junho. O filme produzido e dirigido por Guillermo Planel discute o crescimento do midiativismo no Rio de Janeiro e a descrença da sociedade em relação ao jornalismo tradicional, já que ele apresenta seu discurso “como a verdade ao invés de um ponto de vista. É nesse momento que a informação manipulada torna-se perigosa: quando não se mostra como tal, mas como fonte imparcial ou imaculada” (KOCH; CATELLI, 2014 p. 3). A jornalista Raquel Boechat, uma das entrevistadas, acredita que:

Esse *modus operandi* de fazer, horizontal, que contesta, não admite mais uma instituição vertical e detentora exclusiva de um poder da informação. Esse protagonismo não pertence mais à grande imprensa e isso dá um boom, que sem o fenômeno das ruas de 2013 eu não sei em qual outra oportunidade isso ganharia um desenvolvimento com a dimensão que tomou. Não só do ponto de vista de ganhar público, popularidade e

interesse das pessoas em consumirem esse conteúdo alternativo, como do ponto de vista do volume de novos grupos que foram surgindo, grupos esses as vezes de um, dois, ou dez. Você tem vários grupinhos de mídia independente nascendo no Rio de Janeiro e todos com sua personalidade editorial e que surgem nesse florescer de 2013 nas ruas.²³

Nesse contexto que surge a Mídia NINJA (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), coletivo de mídia livre que ganhou grande notoriedade fazendo uma cobertura fotojornalística das manifestações. Os “ninjas” – como são conhecidos os membros do coletivo – fotografavam esses eventos e os transmitiam ao vivo pela internet, fidelizando um público crescente, que passou a ter acesso a uma visão dos protestos a partir do ponto de vista dos manifestantes, já que essas pessoas cumpriam ao mesmo tempo o papel de ativistas e jornalistas. Hoje, a Mídia NINJA está consolidada como um importante veículo de imprensa alternativo e conta com mais de 2 milhões de seguidores no facebook²⁴.

A Mídia Ninja surge levantando bandeiras contrárias a uma apontada submissão da mídia tradicional brasileira ao conservadorismo de uma lógica de poder e ao discurso de imparcialidade jornalística dos grandes veículos de comunicação nacional. Defendendo a afirmativa de que o Brasil vive uma ditadura velada dos meios de comunicação, em que o poder da informação se centraliza nas mãos de poucas e poderosas famílias coligadas a interesses políticos, o coletivo assume um posicionamento ativista na luta pela democratização dos meios de comunicação. (ALMEIDA, 2013, p. 36)

²³ ABAIXANDO a máquina 2 – no limite da linha. Direção: Guillermo Planel. Rio de Janeiro: Ponto de Equilíbrio Imagens, 2016. Youtube (90 min.).

²⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/MidiaNINJA/>>. Acesso em: 2 de novembro de 2019.

Figura 3: Manifestação do dia 13 de junho de 2013, em São Paulo



Foto: Mídia Ninja²⁵

Ao assumir esse caráter ativista em sua profissão, o fotojornalista participa de forma mais cidadã no processo de comunicação. Ele se posiciona ao lado da sociedade e não está submetido aos interesses corporativos dos grandes meios de comunicação, o que representaria uma barreira para a execução de seu trabalho de forma mais autoral e compromissada com o interesse público. Isso significa que “trabalhando por vezes de maneira independente, sem vínculos empregatícios, esses fotógrafos se colocam no *front* da notícia, evocando os mitos há muito esquecidos pelos cansados jornalistas” (BOLDT, 2017, p. 3). Quando profissionais com essa consciência social ganham visibilidade e divulgam seus projetos, há a possibilidade de que outras pessoas sejam sensibilizadas acerca da importância de uma fotografia mais humana e compromissada com a busca por mudanças sociais.

A formação de comunicadores comprometidos com os direitos humanos das mulheres e demais grupos oprimidos propicia a mudança dos padrões sociais reproduzidos pela mídia e faz ampliar o debate sobre estas questões no espaço público, podendo repercutir, inclusive, em mudanças na legislação. (CHAVES, 2015, p. 11)

²⁵ Disponível em: <<https://anistia.org.br/noticias/nota-publica-sobre-o-protesto-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 2 de novembro de 2019.

Para entender melhor a importância dessa fotografia responsável socialmente, duas grandes fotôjornalistas brasileiras foram convidadas a apresentar suas percepções sobre o assunto. Elas foram escolhidas devido à relevância de seu trabalho, sempre pautado pela luta por mudanças sociais. Ao mostrar a opinião de ambas, pretendemos apresentar fragmentos de visões femininas acerca do assunto, uma opção que soa imperativa no âmbito do presente projeto, já que estamos tratando a questão do gênero neste fotolivro composto somente por imagens de mulheres em luta.

3.2 O olhar combativo de Wania Corredo

A primeira entrevistada é Wania Corredo, fotôjornalista, documentarista e uma das fotógrafas mais premiadas do Brasil. Trabalhando nos principais jornais cariocas, ela construiu uma carreira voltada para a periferia da cidade, focada em registrar a violência e denunciar os problemas sociais. Em 2002, ganhou três dos principais prêmios de fotôjornalismo do país. Uma sequência de três fotos que mostram o assassinato de um empresário no bairro de Benfica, em plena luz do dia, rendeu a ela os Prêmios Esso de Jornalismo, Embratel de Imprensa e Líbero Badaró de Jornalismo. Em 2004, Wania recebeu o Prêmio Internacional Rey de España, pela foto que retratava pessoas famintas em busca de alimentos nos destroços de um incêndio no galpão da Centrais de Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro (Ceasa), em Irajá.

Grande parte de sua carreira foi dedicada ao *hard news* da imprensa tradicional, mas hoje ela busca caminhos alternativos, onde há mais liberdade para desenvolver seus projetos. “Eu não estava conseguindo ficar mais dentro daquela caixinha, precisava de mais. Então eu saio e me transformo em uma fotógrafa independente, já em uma fase de amadurecimento da vida” (CORREDO, 2019)²⁶. Nesse novo momento profissional, Wania fundou, em 2016, o Movimento Fotógrafas Brasileiras. “É uma proposta até ligada ao feminismo, para entender nossa profissão e nossa área que foi sempre liderada por um ambiente masculino. É um movimento inédito, que hoje engloba mais de três mil mulheres” (CORREDO, 2019). A iniciativa tem como objetivo unir fotógrafas de todo o país para trocar experiências e buscar maior espaço e reconhecimento para a mulher na fotografia.

A ideia do movimento era realmente que a gente se unisse, porque juntas somos mais fortes. Quem sonha sozinho muitas vezes não concretiza. Geralmente quando você sonha em grupo, a coisa se fortalece. A ideia é

²⁶ Entrevista concedida ao autor. Por telefone. 30 de agosto de 2019.

levantar a nossa história, criar ambientes onde a gente desse visibilidade realmente às mulheres, criando exposições, eventos, abrindo o mercado de trabalho e participando de congressos, festivais, seminários, para levantar todas as nossas questões que sempre foram muito silenciadas. (CORREDO, 2019)

Figura 4: Foto vencedora do Prêmio Internacional Rey de España



Foto: Wania Corredo²⁷

Ela acredita no poder da fotografia como ferramenta de transformação social e que o papel do fotógrafo no atual momento do país é de extrema importância, pois o compromisso com a ética e a veracidade do fotojornalista ajudam a combater as *fake news*, já que nas redes sociais circulam inúmeras imagens manipuladas. “É a grande questão hoje, mas nem sempre o empresariado pensa assim. Estamos vivendo uma onda diferente,

²⁷ Disponível em: <<https://waniacorrodo.com.br/fotojornalismo/garimpo-da-fome/>>. Acesso em: 2 de novembro de 2019.

que está passando e não se sabe direito para onde ela vai” (CORREDO, 2019). Wania cita os coletivos, normalmente formados por jovens, como a grande tendência contemporânea para buscar uma fotografia mais ligada à defesa dos direitos humanos e à luta por mudanças na sociedade. “Eu acho muito bacana porque é em um formato independente, de compromisso social mesmo” (CORREDO, 2019). A fotojornalista destaca o espírito de engajamento desses fotógrafos independentes, que assim como ela são movidos pela responsabilidade social: “É um ato de resistência para mim. Dentro desse contexto atual, histórico, vejo essa como a maior ação transformadora e política” (CORREDO, 2019).

Wania também destaca a importância da fotografia no que diz respeito à cobertura de protestos, lembrando do papel positivo desempenhado por fotógrafos de coletivos e mídias alternativas nesses eventos, em especial mulheres. “Fotografar também é um ato político. Quando nós estamos na rua fotografando, estamos fotografando por uma causa” (CORREDO, 2019). Segundo a fotojornalista, a imagem tem um poder transformador, que carrega uma carga daquele que a registra. “Acabo indo realmente para algumas manifestações não só como fotógrafa, mas também do outro lado da máquina, como uma agente política dentro da fotografia” (CORREDO, 2019). Dessa maneira, ela exerce o papel de fotojornalista documental e de mulher que debate politicamente as condições da sociedade.

Eu não lembro de nenhuma fotógrafa mulher que eu tenha conhecido e que não tenha já essa consciência política. A postura hoje é diferente. São agentes transformadoras e superpotentes para desconstruir muitas questões machistas que, não só as fotógrafas, mas todas as mulheres, tem em comum. (CORREDO, 2019)

3.2 O olhar memorialista de Claudia Ferreira

A segunda entrevistada é Claudia Ferreira, fotojornalista e historiadora que trabalhou em grandes veículos de comunicação do país, como o Jornal do Brasil e a Folha de São Paulo. Apesar da atuação na imprensa tradicional, é a fotografia documental dos movimentos sociais brasileiros, em especial feministas, que marca sua trajetória profissional. Parte de seu acervo fotográfico, que conta com cerca de 90 mil imagens analógicas e 140 mil imagens digitais, está disposto no Portal Memórias e Movimentos Sociais, iniciativa de sua autoria que tem como objetivo resgatar a memória desses movimentos a partir da fotografia, servindo como fonte de história pública para a sociedade. Entre os registros estão fotos de conferências da ONU, encontros feministas, manifestações, campanhas políticas e fóruns sociais mundiais. Em 2013, o projeto foi

contemplado com o prêmio Memórias Brasileiras, concedido pelo Instituto Brasileiro de Museus/Ministério da Cultura.

O meu acervo conta a história dos movimentos sociais. Acho que no meu caso, na minha documentação eu estou contando uma história do lado de dentro. Isso faz uma diferença danada. Primeiro porque é uma história de afetos e intimidades. Só é possível contar essa história se você tem uma ligação orgânica, afetiva e ideológica com aquilo que você está fazendo. Depois desses anos todos, o meu trabalho passa a ser uma referência para os movimentos de mulheres por causa disso. (FERREIRA, 2019)²⁸

Figura 5: Manifestação de pais e alunos de escolas municipais do Rio, em 1992



Foto: Claudia Ferreira²⁹

Essa fotografia comprometida com a luta dos movimentos sociais por melhorias na sociedade, com a finalidade de manter viva suas memórias, é ignorada pela grande mídia, segundo ela. “O fotógrafo de jornal pega a pauta, faz a foto e entrega. No dia seguinte ele vai fazer outra coisa completamente diferente. Ele não tem envolvimento e nem aprofundamento naquele trabalho que está fazendo” (FERREIRA, 2019). Claudia acredita que esse envolvimento é essencial para que a fotografia assuma um caráter de responsabilidade social, já que “não existe fotografia imparcial, não existe jornalismo imparcial. Você é parte daquela história, porque o seu olhar é ideológico e você fotografa o

²⁸ Entrevista concedida ao autor. Rio de Janeiro. 12 de setembro de 2019.

²⁹ Disponível em: <<http://www.memoriaemovimentossociais.com.br/pt-br/galeria/imagem/pura/386/?page=38>>. Acesso em: 2 de novembro de 2019.

que você vê” (FERREIRA, 2019). A fotojornalista cita os fotógrafos João Roberto Ripper e Januário Garcia como profissionais muito comprometidos com esse poder de transformação social, lembrando que, assim como ela, eles dão sentido ao que fotografam e estão comprometidos com o assunto. “Muitas coisas que a gente tem hoje de material e de memória só existem porque nós estávamos lá. Tinha não só o fato de estar lá para registrar aquilo, mas como cúmplice, parceiro” (FERREIRA, 2019).

Entre as muitas manifestações que Claudia fotografou está a Marcha das Margaridas, protesto realizado por trabalhadoras rurais em Brasília, em 2000, 2003, 2007, 2011, 2015 e 2019. Ela fez a cobertura fotográfica de todas as seis edições e lamenta que a imprensa tradicional não noticie de forma ampla o evento, que em 2019 reuniu cerca de 100 mil pessoas. “Essa foi uma das coisas que mais me motivou a seguir fotografando a Marcha das Margaridas. Eu tenho certeza que só é invisibilizado porque é um movimento de mulheres” (FERREIRA, 2019). O desejo de manter viva a memória desse movimento fez com que, em 2015, a fotógrafa publicasse um livro com imagens autorais das quatro primeiras marchas.

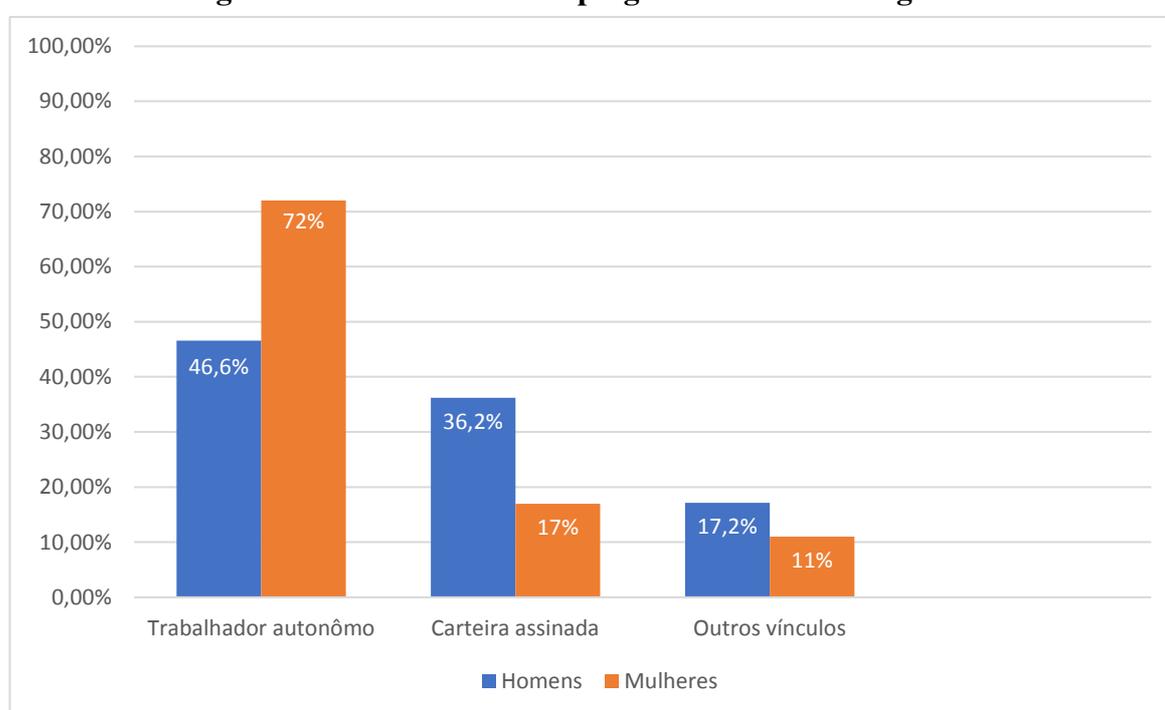
Para Cláudia, que desde os anos 80 é militante feminista, a fotografia pode ser usada para chamar a atenção da sociedade acerca das demandas das mulheres. Ela acredita que exaltar a presença feminina em passeatas é uma maneira de mobilizar a sociedade em prol das muitas pautas defendidas por elas. “É muito importante a gente registrar as mulheres, guardar essas imagens e conservar essa memória” (FERREIRA, 2019). Para ajudar na manutenção de seu acervo fotográfico dos movimentos feministas, a fotojornalista criou, em 2019, uma campanha de financiamento coletivo que arrecadou mais de 25 mil reais. Um dos objetivos da iniciativa é ceder uma cópia desse material ao Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, onde ele estará conservado como um bem de toda a sociedade.

Muitos espaços importantes para o movimento de mulheres não só brasileiro, mas internacional, eu estava participando como militante e fotografando. Se você consegue mostrar a mulher como um corpo político, essa imagem torna-se importante. É sempre uma imagem forte e importante para conscientizar a sociedade de que elas estão lutando e reivindicando seus direitos. Você estimula outras mulheres a fazer o mesmo e sensibiliza os homens. As imagens são sempre fundamentais. (FERREIRA, 2019)

4. MACHISMO NO FOTOJORNALISMO

Em setembro de 2015, o Instituto Reuters para o Estudo do Jornalismo, da Universidade de Oxford, divulgou um levantamento que traçou o perfil dos fotojornalistas ao redor do mundo. O resultado apontou que o fotojornalismo é uma profissão ocupada majoritariamente por homens. Segundo a pesquisa, as mulheres representam apenas 15% dos profissionais da área e recebem menos por seu trabalho do que eles, mesmo possuindo uma melhor formação acadêmica. Mais de 70% delas trabalha de forma autônoma e poucas possuem vínculo empregatício.

Figura 6: Modalidade de emprego de acordo com o gênero



Fonte: Reuters Institute for the Study of Journalism³⁰

Para entender o domínio masculino no fotojornalismo é importante recorrer ao passado e analisar o contexto em que a profissão foi estabelecida. Desde o início essa atividade foi associada diretamente à figura masculina.

Segundo Almeida e Peixoto (2014), as primeiras fotografias atribuídas ao fotojornalismo foram imagens da Guerra da Criméia, clicadas pelo fotógrafo Roger Fenton, em 1855. O britânico foi contratado pelo governo de seu país para mostrar o conflito a partir de um ponto de vista heroico e patriótico, ocultando seus horrores e efeitos

³⁰ Disponível em: <<https://www.worldpressphoto.org/getmedia/da4e7234-9f18-4036-8320-9397bf70cd89/The-State-of-News-Photography.pdf>>. Acesso em: 2 de novembro de 2019.

devastadores, para assim manter o apoio da opinião pública acerca da continuidade da guerra.

Nesse período, ainda cintilavam na Europa os reflexos da Revolução Francesa, acontecimento histórico que deu fim à monarquia absolutista na França e impactou diretamente todo o continente. O processo revolucionário foi responsável por mudanças importantes, como a extinção dos privilégios feudais na sociedade francesa e a criação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. A revolução, no entanto, não permitiu grandes transformações sociais no que diz respeito às questões relacionadas aos direitos das mulheres.

Na segunda parte do livro “O Segundo Sexo Vol. 1: Fatos e Mitos”, Simone De Beauvoir discute, a partir de uma visão europeia, o papel da mulher ao longo da História e, ao abordar esse período, expõe as estruturas de gênero que colocavam o homem em uma posição dominante. “As mulheres são escravizadas à cozinha, ao lar, fiscalizam-lhes ciumentamente os costumes; confinam-nas em um ritual de *savoir-vivre*, que trata qualquer tentativa de independência” (BEAUVOIR, 1970, p. 145).

A figura feminina era diretamente associada às tarefas domésticas e aos cuidados da família. Inserida em uma sociedade androcêntrica, a mulher era submissa ao homem, seja um marido ou familiar, e vivia sob uma lógica de dominação que poderia também se manifestar a partir da questão econômica. Beauvoir explica que tanto as mulheres pertencentes às classes dominantes, quanto às que faziam parte da classe proletária, eram impedidas de exercer sua própria autonomia.

Assim, enquanto as mulheres que, apesar do sexo, teriam podido participar dos acontecimentos, se viam impedidas de fazê-lo como classe, as da classe atuante eram condenadas a permanecer afastadas, como mulheres. Só quando o poder econômico cair nas mãos do trabalhador é que se tornará possível à trabalhadora conquistar capacidades que a mulher parasita, nobre ou burguesa, nunca obteve. (BEAUVOIR, 1970, p. 142)

O sociólogo Pierre Bourdieu trata essa dominação como uma violência simbólica, termo criado por ele para explicar a aceitação social dos discursos dominantes. Segundo Bourdieu, essa violência não é caracterizada por uma coerção física e é estabelecida de forma “insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento” (BOURDIEU, 2012, p. 7).

A visão androcêntrica é assim continuamente legitimada pelas próprias práticas que ela determina: pelo fato de suas disposições resultarem da

incorporação do preconceito desfavorável contra o feminino, instituído na ordem das coisas, as mulheres não podem senão confirmar seguidamente tal preconceito. (BOURDIEU, 2012, p. 44)

Isso significa que as mulheres estão submetidas a um discurso dominante que as faz acreditar que são incapazes de ocupar determinadas posições na sociedade, pois “os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais” (BOURDIEU, 2012, p. 46). Ao observar o fotojornalismo surgir dentro de um contexto de cobertura de conflitos armados, as próprias mulheres acreditam ser incapazes de seguir essa profissão, pois a sociedade as faz crer serem fracas e indefesas, padrões incompatíveis com um ambiente violento.

Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produto da dominação ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento, de submissão. (BOURDIEU, 2012, p. 22)

Outro fator que contribui para que a presença feminina no fotojornalismo ainda seja modesta está ligado a uma questão de falta de referências. Sendo uma profissão formada em sua grande maioria por homens, poucas fotógrafas recebem o destaque que merecem ao longo de suas carreiras. É o caso da alemã Gerda Taro, uma das pioneiras do fotojornalismo, que trabalhou na cobertura fotográfica da Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939) e morreu durante esse conflito, em 1937. Ao lado de seu companheiro, o fotógrafo Robert Capa, ela registrou as batalhas e o cotidiano de um país afetado pelos horrores da guerra. Apesar da importância histórica das imagens capturadas por Gerda, “a fotojornalista geralmente é lembrada pelo nome do seu companheiro fotógrafo (por ser homem e ter mais espaço e reconhecimento que ela) e dificilmente por sua obra” (MÜLLER; DIAS, 2019, p. 8).

Além disso, a falta de preocupação em apresentar expoentes femininos na atividade completa uma maneira subjetiva de violência simbólica ao negar às mulheres o estatuto de representantes legítimas do âmbito público, conceito ainda mais alargado dentro da prática do fotojornalismo. (SILVA, 2017, p. 13)

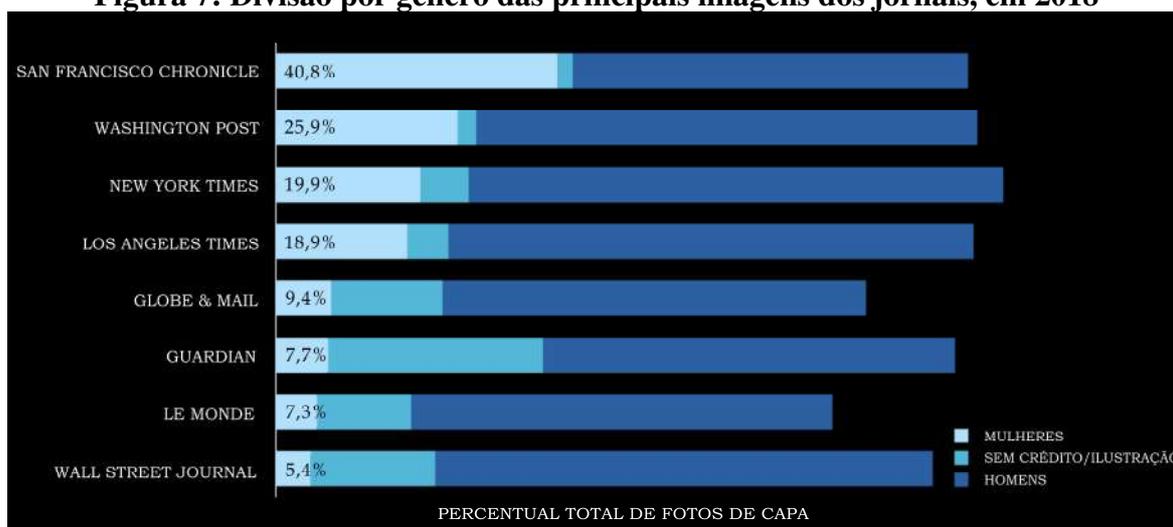
Ao exaltarmos predominantemente figuras masculinas como Henri Cartier-Bresson e Sebastião Salgado, considerados dois dos maiores fotojornalistas da história, deixamos de lembrar a importância do trabalho das mulheres na área. A fotógrafa estadunidense Dorothea Lange, por exemplo, tem um trabalho de suma importância durante a década de 1930, quando registrou os efeitos da Grande Depressão nas áreas rurais do Estados Unidos,

naquela que foi considerada a maior crise econômica do século XX. Apesar da grande relevância dessas imagens, a historiadora da fotografia Naomi Rosenblum aponta que, em 1958, nenhuma mulher era citada pelos grandes nomes da fotografia no ranking dos dez maiores fotógrafos (SILVA, 2017, p. 11).

A invisibilidade da fotografia realizada por mulheres também pode ser observada nos grandes veículos de comunicação contemporâneos. Segundo a Women Photograph, iniciativa que tem como objetivo aumentar a visibilidade do trabalho realizado por mulheres fotojornalistas, os principais jornais e agências de notícias mundiais mantêm uma grande desigualdade de gênero no que diz respeito à publicação de fotos. Em 2018, apenas 19,9% das imagens de capa do The New York Times eram de autoria de mulheres. No The Guardian e Le Monde, os números são ainda menores: 7,7% e 7,3%. Em relação às fotografias eleitas como as melhores do ano pela Reuters, somente 15% foram registradas por mulheres. Na Associated Press e na Agence France-Presse, os valores caem para 12% e 2,8%, respectivamente.

Os antifeministas extraem da história dois argumentos contraditórios: 1º) as mulheres jamais criaram algo de grande; 2º) a situação da mulher jamais impediu o aparecimento de grandes possibilidades femininas. Tais afirmações são eivadas de má-fé; os êxitos de algumas privilegiadas não compensam nem desculpam o rebaixamento sistemático do nível coletivo; e o fato de serem esses êxitos raros e limitados prova precisamente que as circunstâncias lhe são desfavoráveis. (BEAUVOIR, 1970, p. 172)

Figura 7: Divisão por gênero das principais imagens dos jornais, em 2018



Fonte: Women Photograph³¹

³¹ Disponível em: <<https://www.womenphotograph.com/data>>. Acesso em: 2 de novembro de 2019.

A fotojornalista Wania Corredo explica que o machismo faz com que as mulheres tenham dificuldade em conquistar vagas nas agências e redações, já que na maior parte das vezes os homens são priorizados nos processos seletivos. Ela afirma, inclusive, que o preconceito impede uma maior presença feminina em algumas áreas do fotojornalismo, como na cobertura de atividades esportivas. “No campo de futebol são poucas mulheres quando você vê fotos de grandes equipes. Até hoje, mesmo com todas as discussões levantadas, toda a impetuosidade com que as mulheres têm dentro do mercado, ainda é uma profissão muito machista”. A pouca representatividade feminina em eventos, congressos e festivais dentro do ramo da fotografia também é um problema recorrente. “Por que na hora de montar uma mesa para fazer uma palestra só tem homem, ou só uma mulher?”. Wania lembra que o Movimento Fotógrafas Brasileiras, fundado por ela em 2016, vem lutando contra essa realidade opressora dentro da profissão.

Essa foi uma das grandes brigas que eu tive. Não se pensa nisso, é tudo muito subliminar, rasteiro. Precisamos observar todos os pontos, como tudo é muito marcado e difícil para nós mulheres. A gente conseguiu se unir, combater de alguma forma nesses últimos 3 anos, mesmo assim as histórias se repetem. (CORREDO, 2019)

A fotojornalista Claudia Ferreira destaca o comportamento machista dos fotógrafos na cobertura de eventos, onde eles desrespeitam as colegas de trabalho ao não permitir que elas se posicionem para registrar as imagens. “Em uma manifestação, você vê aqueles homens enormes que não querem nem saber. Se tiverem que passar por cima de uma mulher para pegar a melhor foto e só depois abrir espaço para ela, eles fazem até hoje”. Claudia também aponta a representação estereotipada da figura feminina como um grande obstáculo para construção de uma fotografia que reproduza menos práticas machistas. Ela lembra de uma situação recente que a deixou bastante incomodada, enquanto registrava a 1ª Marcha das Mulheres Indígenas, em agosto de 2019. “Tinha um fotojornalista que só fotografava abaixado e deitado no chão, pegando as mulheres de baixo para cima”. Ao registrar o corpo das manifestantes de forma desumanizada, o profissional perpetua a sexualização da imagem das mulheres indígenas, que protestavam, em Brasília, pela proteção de suas aldeias e territórios.

O machismo existe forte e a gente vê não só dos fotojornalistas no tratamento com as colegas, como também na hora deles fotografarem as mulheres. Tem vezes que você vê cenas absolutamente condenáveis. É um reflexo da sociedade machista e do mundo machista em que vivemos. Os fotojornalistas de alguma maneira reproduzem isso. (FERREIRA, 2019)

5. MEMORIAL DESCRITIVO DO FOTOLIVRO

Este trabalho de conclusão de curso produziu, além das discussões teóricas apresentadas nos capítulos anteriores, um fotolivro: “O protagonismo da mulher nas lutas de rua do Rio”. A obra foi criada a partir dos registros fotográficos que documentaram a participação de mulheres em manifestações de caráter progressista na cidade do Rio de Janeiro entre 2017 e 2019.

O presente memorial descritivo tem como objetivo detalhar todo o processo de elaboração do fotolivro, desde a captura das imagens que o compõem até a sua publicação em formato digital e impresso. As motivações que levaram o autor a criar este material também serão aqui apresentadas, assim como o recorte temático escolhido e o contexto em que as fotografias foram concebidas.

5.1 Inspiração

Foram as grandes manifestações de 2013, as Jornadas de Junho, o ponto de partida para a realização deste projeto. No papel de manifestante, o autor deste trabalho esteve presente na maior parte dos protestos daquele período de grande ebulição política. Sofrendo com a repressão das forças de segurança do Estado, acompanhando as táticas de ação direta dos *black blocs* e, principalmente exercendo o papel cidadão de livre manifestação que ele teve seu primeiro contato com atos políticos.

A câmera ainda não o acompanhava, mas as imagens daquele ambiente dinâmico e efervescente já despertavam sua atenção. A cobertura fotográfica realizada pelo coletivo Mídia Ninja, que mostrava os eventos a partir do ponto de vista dos manifestantes, de forma alternativa à imprensa tradicional, lhe encantava. Aquela mistura de ativismo e jornalismo tornou-se referência na sua atuação como fotógrafo de atos políticos. A possibilidade de usar a fotografia para documentar protestos, livre dos interesses corporativos dos grandes meios de comunicação, tornou-se um dos seus objetivos como fotojornalista.

5.2 Contexto político

O momento histórico em que as imagens do fotolivro foram registradas é uma fase de grande convulsão social e polarização política no Brasil. Em 2016, ano anterior ao primeiro protesto fotografado neste projeto, a ex-presidente Dilma Rousseff foi destituída do comando do executivo após sofrer um golpe parlamentar. Seu sucessor, o então vice-presidente Michel Temer, adotou um plano de governo marcado pelo tom conservador e de

ataque aos direitos das classes menos favorecidas. No mesmo ano, a relação promíscua de Temer com empresários foi exposta pela Polícia Federal, que flagrou um homem de confiança do ex-presidente recebendo uma mala com 500 mil reais em propina. Em 2018, o ex-presidente Lula foi preso no âmbito da Operação Lava Jato por corrupção passiva e lavagem de dinheiro, em um processo marcado pela parcialidade do então juiz federal, hoje ministro da justiça, Sérgio Moro. Ainda nesse ano, aconteceu a eleição presidencial vencida pelo na época deputado federal, atualmente presidente, Jair Bolsonaro. A vitória do candidato da extrema-direita foi o ápice da onda de conservadorismo que toma conta do país desde as eleições de 2014. Bolsonaro assumiu o governo federal em 2019 e vem tomando uma série de medidas políticas reacionárias, como os cortes orçamentários nas universidades federais e o incentivo à agropecuária, mineração e garimpo na Amazônia. A região também vem sofrendo com o desmatamento e as queimadas, que bateram recorde durante o seu primeiro ano de mandato.

As fotografias apresentadas no fotolivro ajudam a entender esse período a partir do ponto de vista dos setores progressistas da sociedade brasileira. Em reação aos fatos citados anteriormente, eles ocuparam as ruas para protestar e lutar em defesa de suas ideias e seus direitos. As imagens registram os clamores de mulheres que defendem um Brasil livre de preconceitos, estereótipos e opressões. Um país onde a democracia seja respeitada e os serviços públicos não sejam sucateados pelos governantes. Uma nação em que a natureza seja preservada e a melhoria das condições de vida dos mais pobres seja prioridade.

5.3 Recorte temático

O autor deste projeto acredita no papel de transformação social da fotografia, capaz de conscientizar, sensibilizar e incentivar o pensamento crítico da população. Para cumprir esse papel, é necessário que o fotojornalista conduza seu trabalho baseado nos fundamentos éticos da profissão e reconheça o seu compromisso para com a sociedade. A definição das pautas e a forma como serão tratadas é parte importante desse processo, já que o olhar fotográfico direcionado ao assunto fotografado influenciará diretamente nos resultados e objetivos das imagens registradas.

Com base nessa reflexão, optou-se pela abordagem de um recorte específico dentro do tema dos protestos: a presença feminina. As fotos apresentadas no fotolivro mostram os rostos, cartazes e faixas de mulheres que estiveram nas ruas do Rio de Janeiro nos últimos anos. Registrar a presença dessas manifestantes é uma forma de afirmar as mulheres como

seres políticos, questionando os princípios patriarcais que fundamentam a sociedade e atribuem o papel de liderança das lutas sociais somente aos homens. Além disso, é uma maneira de mostrar que a participação política não é construída apenas pela via institucional, onde há uma ocupação majoritariamente masculina, mas igualmente através da construção coletiva das mulheres na ocupação dos espaços públicos.

A opção por um fotolivro composto somente por imagens delas também foi motivada pelo atual momento histórico que o Brasil atravessa. Diante do fortalecimento do conservadorismo no país, as mulheres representam um grupo social ainda mais vulnerável às opressões. Exaltar a presença feminina nos protestos é uma maneira de mostrar que, apesar das ameaças, elas estão resistindo e participando ativamente das lutas de rua em oposição a esse movimento.

É importante destacar que o interesse por essa temática de gênero nos protestos surgiu antes mesmo da concepção deste projeto. Durante a cobertura fotográfica do ato contra a PEC 181, em 2017, o autor teve o prazer de registrar pela primeira vez uma passeata organizada diretamente por mulheres. O evento foi convocado para pressionar o parlamento a não aprovar o Projeto de Emenda Constitucional que poderia tornar o aborto ilegal em todas as situações no Brasil. Observar de perto a força, bravura e atitude daquelas manifestantes ao expressar reivindicações foi uma experiência marcante. Daquela data em diante, o protagonismo feminino foi ganhando progressivamente lugar de destaque nas documentações fotográficas realizadas pelo autor.

5.4 Protestos

A cobertura dos eventos contemplados neste trabalho ocorreu entre 2017 e 2019, na cidade do Rio de Janeiro. Os protestos foram organizados por diferentes grupos da sociedade e apresentaram boa diversidade de pautas e reivindicações. No entanto, eles se assemelham do ponto de vista ideológico, já que são manifestações de caráter progressista e alinhadas com ideais políticos de esquerda. Professores, estudantes, partidos políticos, movimentos sociais, coletivos, sindicalistas, entre outros setores reuniram-se nas ruas para construir coletivamente a luta em favor de seus direitos. A maior parte dos atos foi realizada no Centro do Rio, local historicamente reconhecido como palco de grandes mobilizações políticas.

As imagens deste projeto foram feitas ao longo da cobertura de 14 diferentes protestos. O primeiro ocorreu em maio de 2017 e o último em agosto de 2019, o que garante um certo frescor e uma contemporaneidade às fotografias utilizadas na produção

deste fotolivro. Na sequência, tais manifestações serão listadas, bem como suas pautas e informações mais relevantes. Contextualizar os eventos é importante para apresentar de forma clara e objetiva o ambiente em que as fotografias foram produzidas.

O Rio pelas Diretas Já

Em 28 de maio de 2017, a orla de Copacabana foi ocupada por um protesto³² contra o mandato do então presidente Michel Temer. Os manifestantes, que começaram a se reunir no local às 11 horas, pediam sua renúncia imediata e a convocação de novas eleições presidenciais. Também carregavam cartazes e faixas em defesa da democracia e contra o golpe parlamentar que acabou com o governo de Dilma Rousseff. Durante o ato, lideranças políticas e artistas discursaram em um palco montado especialmente para o evento, onde também se apresentaram grandes nomes da música nacional como: Caetano Veloso, Mano Brown, Criolo, Mart'nália e Cordão do Bola Preta. Organizado pela Frente Povo Sem Medo e pela Frente Brasil Popular, o movimento pelas eleições diretas foi motivado por um escândalo de corrupção envolvendo Temer.

Dias antes, uma gravação entre ele e o empresário Joesley Batista, dono da JBS, uma das maiores produtoras de proteína animal do mundo, foi divulgada e abalou o seu mandato. Na conversa, Temer dava aval para que Joesley comprasse o silêncio do ex-deputado Eduardo Cunha, naquele momento preso em Curitiba. Além disso, o então chefe do executivo indicava um homem de confiança, o na época deputado Rodrigo Rocha Loures, para resolver um assunto da J&F (*holding* que controla a JBS). O parlamentar foi filmado recebendo uma mala enviada por Joesley com 500 mil reais em espécie³³. Os episódios relatados acima causaram grande indignação popular e foram o mote para que o Rio fosse às ruas pedir a saída de Michel Temer da presidência da república.

Todas contra 18

No dia 13 de novembro de 2017, o Centro da cidade foi ocupado por mulheres que protestavam contra a Proposta de Emenda Constitucional 181/2015. A PEC originalmente ampliava direitos trabalhistas para as mães de filhos prematuros, mas na Comissão Especial da Câmara dos Deputados foi modificada após 18 votos favoráveis, todos de homens, e apenas um contrário. Eles incluíram mudanças na Constituição que poderiam

³² Disponível em: <<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/manifestantes-fazem-ato-pela-saida-de-michel-temer-em-copacabana.ghtml>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

³³ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/dono-da-jbs-grava-temer-dando-aval-para-compra-de-silencio-de-cunha-21353935>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

tornar o aborto ilegal em toda e qualquer situação no Brasil, inclusive em caso de estupro, adicionando o termo “desde a concepção” nos artigos que tratam da dignidade da pessoa humana e do direito à vida. Esses parlamentares eram ligados à chamada Bancada da Bíblia do Congresso Nacional, grupo que reúne políticos alinhados com os interesses neopentecostais e de cunho conservador.

A manifestação³⁴ teve início na Cinelândia às 17 horas, em frente à Câmara Municipal do Rio de Janeiro, onde lideranças políticas discursaram para a multidão, seguiu até a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro e depois retornou ao local de origem. Participaram do ato adolescentes e idosas, estudantes, professoras e mães na companhia de seus filhos, alguns de colo. Elas gritavam palavras de ordem contra a PEC 181, o machismo e a sociedade patriarcal, além de reivindicações em favor dos direitos das mulheres e da legalização do aborto. “Sem útero, sem opinião”, “Mães e crias pela legalização do aborto”, “Estuprador não é pai”, “Não mereço ser estuprada e muito menos ter filho de estuprador” foram algumas das mensagens presentes nos cartazes e faixas empunhados pelas manifestantes. O ato foi convocado pela Frente Nacional contra Criminalização das Mulheres e pela Legalização do Aborto.

Marielle vive!

As ruas do Centro do Rio foram tomadas por manifestantes no dia 20 de março de 2018 para enaltecer a memória da vereadora Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes, assassinados a tiros na semana anterior. Defensora dos direitos humanos e das minorias, Marielle era uma referência política para os setores progressistas da sociedade. O crime brutal que a vitimou gerou grande comoção e despertou um sentimento de indignação e justiça em todos aqueles que sonham com um Brasil livre das opressões.

O protesto³⁵ começou às 17 horas na Candelária e depois seguiu até a Cinelândia, onde um palco foi montado para que os familiares de Marielle, Anderson e lideranças políticas discursassem. Nele também foi realizado um ato inter-religioso para que os presentes orassem pela vereadora e o motorista mortos. Visivelmente emocionados, os manifestantes choravam ao carregarem velas e acender as luzes de seus celulares para prestar suas homenagens. Além dos cartazes, faixas, palavras de ordem exigindo justiça e exaltando a memória de Marielle, eles também protestavam contra o genocídio da

³⁴ Disponível em: <<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/mulheres-protestam-no-centro-do-rio-contr-a-pec-que-proibiria-aborto-em-todos-os-casos.ghtml>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

³⁵ Disponível em: <<https://noticias.r7.com/cidades/rio-de-janeiro/mensagem-de-marielle-e-a-de-que-a-luta-pela-vida-continua-diz-anistia-20032018>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

população negra, a intervenção federal no Rio de Janeiro e a Polícia Militar. É importante destacar que, apesar do clima de tristeza e luto, mensagens de paz e esperança foram vistas ao longo de todo o ato. As pessoas faziam questão de afirmar que o legado de Marielle Franco estará para sempre vivo e que sua luta em favor dos oprimidos continuará inspirando aqueles que buscam construir uma sociedade mais justa e menos desigual.

Mulheres Unidas Contra Bolsonaro

Durante a eleição presidencial de 2018, as mulheres foram responsáveis por liderar um grande movimento de oposição à candidatura de Jair Bolsonaro ao comando do governo federal. A trajetória política do atual presidente da república, marcada por declarações machistas, homofóbicas e ataques aos direitos das minorias, influenciou a criação de um grupo no facebook formado inteiramente pelo público feminino que se opunha aos seus posicionamentos retrógrados. De caráter progressista e suprapartidário, o “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro” surgiu com o objetivo de criar um ambiente de discussão e mobilização nas redes sociais, mas logo transcendeu as barreiras do mundo virtual e mostrou seu poder nas ruas de todo o Brasil.

Em 29 de setembro de 2018, sábado da semana anterior ao primeiro turno da eleição, a região central do Rio recebeu milhares de pessoas para protestar contra Bolsonaro. A convocação partiu desse grupo organizado por elas, em uma tentativa de chamar a atenção da população acerca dos perigos da eleição de um candidato de extrema-direita, que naquele momento liderava as pesquisas de intenção de voto. Aos gritos de “Ele não”, “Ele nunca”, mulheres, homens, crianças e diferentes setores da sociedade manifestaram suas ideias contrárias ao conservadorismo e ao fascismo. O ato³⁶ teve início às 15 horas e se concentrou inicialmente na Cinelândia, onde mães amamentaram seus filhos na escadaria da Câmara Municipal do Rio de Janeiro e lideranças políticas discursaram. No final da tarde, os manifestantes seguiram em direção à Praça XV carregando seus cartazes em defesa da democracia, dos direitos das minorias e com mensagens de oposição a Bolsonaro. Segundo a organização, mais de 200 mil participaram do evento ao longo do dia.

³⁶ Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/09/29/mulheres-levam-200-mil-as-ruas-do-rio-de-janeiro-contr-a-bolsonaro/>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

Ele não!

A eleição presidencial de 2018 foi decidida em um segundo turno disputado por Jair Bolsonaro e Fernando Haddad. Bolsonaro venceu o primeiro com 46,03% dos votos, frente a 29,28% de Haddad³⁷, o que apontou o favoritismo do candidato da extrema-direita para assumir a presidência do país. Tentando evitar que esse cenário se concretizasse, setores progressistas da sociedade organizaram novas manifestações contra o então candidato, hoje presidente do Brasil. Novamente o grupo “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro” foi protagonista nesse processo, sendo responsável pela convocação de atos em diversas cidades brasileiras.

No dia 20 de outubro, sábado da semana anterior à disputa do segundo turno, às 15 horas, os cariocas ocuparam as ruas do Centro mais uma vez para protestar contra Bolsonaro. O evento³⁸ aconteceu na Cinelândia e contou com a apresentação de música e dança do Afoxé Filhas de Gandhy, coletivo de mulheres que promove atividades culturais, educacionais, sociais e políticas para combater as desigualdades da sociedade. A vereadora Marielle Franco, assassinada a tiros no Rio, e o Mestre Moa do Katendê, assassinado em Salvador por um apoiador de Bolsonaro após declarar seu voto em Haddad, foram homenageados pelos manifestantes. Eles exibiram cartazes em defesa dos direitos humanos e entoaram os cantos de “Ele Não”, “Ele nunca”, “Ele jamais” durante todo o ato. No fim da tarde, o protesto seguiu em direção aos Arcos da Lapa, onde foi estendida uma faixa em apoio ao presidenciável Fernando Haddad.

Caminhada da virada

Em 26 de outubro de 2018, a dois dias do segundo turno da eleição presidencial, uma nova passeata contra Bolsonaro foi realizada nas ruas do Centro. Foi a última manifestação no Rio antes do pleito que elegeu o candidato da extrema-direita presidente da república. O objetivo foi apoiar a candidatura de Haddad, para que o presidenciável chegasse mais fortalecido no dia da votação e conseguisse uma virada no resultado indicado pelas pesquisas de intenção de voto, que já apontavam a sua derrota.

³⁷ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/07/jair-bolsonaro-e-fernando-haddad-decidirao-eleicao-para-presidente-no-segundo-turno.ghtml>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

³⁸ Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/10/20/centenas-de-milhares-de-manifestantes-vaao-as-ruas-do-brasil-para-dizer-bolsonarao/>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

A concentração da manifestação³⁹ aconteceu na Candelária, onde as pessoas se reuniram a partir das 16 horas. Com gritos de incentivo ao Partido dos Trabalhadores e contra a Ditadura Militar, elas seguiram em caminhada até a Cinelândia. Durante o percurso, estudantes universitários que protestavam em frente ao Tribunal Regional Eleitoral contra ações de busca e apreensão realizadas pela Justiça Eleitoral em 17 universidades do país também aderiram ao movimento. É importante destacar a grande diversidade de manifestantes nesse ato contra Bolsonaro, pois até mesmo críticos à figura de Fernando Haddad marcaram presença para declarar seu apoio ao petista. Todos estavam reunidos naquele momento em defesa da democracia e na luta contra o fascismo associado a Bolsonaro. Muitos artistas realizaram intervenções culturais durante o evento, exercendo seu direito de livre manifestação de uma forma descontraída e lúdica.

Festival Justiça por Marielle e Anderson

No dia 14 de março de 2019, as mortes da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes completaram um ano. Naquele momento, ninguém ainda havia sido preso ou responsabilizado pelos homicídios, apesar da suspeita do envolvimento de autoridades políticas e milicianos. Para celebrar a memória de Marielle e Anderson, cobrar respostas das autoridades policiais e a solução dos crimes, um ato político-cultural foi organizado pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), legenda que vereadora fazia parte, e por movimentos sociais ligados as temáticas de gênero e raça. O evento também serviu para expressar a importância de manter vivo o legado da vereadora na defesa pelos direitos humanos.

O Festival Justiça por Marielle e Anderson⁴⁰ aconteceu na Cinelândia e teve início às 16 horas. Ele foi realizado em um palco montado em frente a Câmara Municipal do Rio de Janeiro, onde diversas manifestações culturais foram apresentadas ao público por músicos, dançarinos, cantores e poetas. Lideranças políticas e familiares dos homenageados também discursaram no local para expressar os sentimentos de dor e impunidade que os assassinatos causaram em suas vidas. Durante todo o protesto, gritos de “Marielle, presente! Anderson, presente! Agora e sempre!” foram entoados em coro por muitas pessoas emocionadas. Cartazes exaltando o papel da vereadora na luta pelas

³⁹ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/milhares-de-pessoas-fazem-ato-favor-de-fernando-haddad-no-centro-23189867>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

⁴⁰ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/dia-em-que-nos-acordamos-chorando-diz-anielle-franco-durante-ato-em-memoria-de-marielle-na-cinelandia-23523317>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

minorias e contra todas as formas de opressão também foram vistos em grande quantidade nas mãos dos manifestantes, que permaneceram no local até o final da noite.

Trabalhadores contra a Reforma da Previdência

O 1 de maio é historicamente um dia de mobilização internacional em defesa dos trabalhadores. A data foi escolhida para homenagear sindicalistas presos e mortos durante uma greve nacional nos Estados Unidos, em 1886, que teve como objetivo conquistar melhores condições de trabalho para a população. Desde 1924, o Dia do Trabalhador é feriado no Brasil, representando um momento em que a população ocupa as ruas do país para relembrar os esforços da classe trabalhadora, defender os direitos trabalhistas e conscientizar a sociedade acerca da importância de construir coletivamente lutas para pressionar os legisladores.

O dia 1 de maio de 2019 foi o primeiro em que todas as principais centrais sindicais brasileiras protestaram de forma unificada, apesar das posições divergentes em relação a vários temas. Junto aos movimentos sociais, elas organizaram protestos pelo Brasil para mostrar sua oposição ao governo federal. A manifestação⁴¹ do Dia do Trabalhador na capital do Rio ocorreu na Praça Mauá, em frente ao Museu do Amanhã. Com uma programação diversificada, que começou às 9 horas e se estendeu até o final da tarde, o ato contou com a presença de diferentes setores da sociedade, entre eles professores, petroleiros, bancários e operários. Os manifestantes seguravam cartazes contra a reforma da Previdência, em defesa da Consolidação das Leis do Trabalho e criticando o alto índice de desemprego que assola o país. Apresentações teatrais e musicais com críticas a Bolsonaro e ao ministro da economia Paulo Guedes também foram realizadas no local ao longo do dia.

Institutos federais em defesa da educação

No dia 30 de abril de 2019, o Ministério da Educação anunciou um bloqueio de 30% das verbas de custeio e investimento nas universidades e institutos federais do país⁴². A medida foi tomada após entidades de ensino superior criticarem cortes orçamentários realizados pelo governo federal na Universidade Federal Fluminense (UFF), na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e na Universidade de Brasília (UNB). O ministro

⁴¹ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/no-1-de-maio-centrais-sindicais-organizam-ato-contrareforma-da-previdencia-no-rio-23634923>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

⁴² Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/04/30/mec-diz-que-bloqueio-de-30percent-na-verba-vale-para-todas-as-universidades-e-institutos-federais.ghtml>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

da educação Abraham Weintraub associou a diminuição desses repasses ao fato de as três instituições estarem fazendo balbúrdia⁴³, o que na verdade foi uma retaliação a protestos realizados por alunos dessas universidades contra o presidente da república.

Temendo a paralisação das aulas e o sucateamento do ensino, alunos de institutos federais do Rio e seus familiares protestaram durante a manhã do dia 6 de maio de 2019 em frente ao Colégio Militar, na Tijuca, onde o presidente Jair Bolsonaro acompanhava uma solenidade em comemoração aos 130 anos da instituição. O local foi inclusive cercado por militares do exército que impediam a aproximação dos manifestantes aos portões de entrada. Participaram do ato⁴⁴ estudantes do Colégio Pedro II, do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia (IFRJ), do Centro Federal Celso Suckow da Fonseca (Cefet-RJ), da Fundação Osório e do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp-UFRJ). Com cartazes exaltando a importância do investimento na educação e exigindo o fim dos cortes orçamentários, eles entoaram cantos contra Bolsonaro, Weintraub e em defesa do ensino público de qualidade e gratuito.

Greve nacional da educação

Em 15 de maio de 2019, aconteceu a primeira mobilização nacional contra os cortes na área da educação. Instituições federais de ensino médio, técnico e superior de todo o Brasil paralisaram suas atividades nesse dia em protesto aos bloqueios de orçamento e às declarações ofensivas de representantes do governo federal ao ensino público brasileiro. Além disso, estudantes, professores e pesquisadores foram às ruas de ao menos 250 cidades do país, em todos os estados e no Distrito Federal, para manifestar seu descontentamento com a falta de prioridade dada pelo governo federal ao investimento nos setores de educação, ciência e tecnologia. Os atos foram convocados por movimentos estudantis e sindicatos de professores.

No Rio, a concentração para o protesto⁴⁵ foi feita na Candelária, a partir das 15 horas, onde os presentes acompanharam discursos realizados por lideranças políticas em carros de som. Ao entardecer eles saíram em caminhada até a Central do Brasil, onde professores distribuíram livros à população. Os manifestantes exibiam faixas contra o bloqueio de 30% das verbas para as instituições federais de ensino, como “Balbúrdia é

⁴³ Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba,70002809579>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

⁴⁴ Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/05/06/alunos-de-institutos-federais-do-rj-fazem-protesto-contr-a-corte-de-verbas-na-educacao.ghtml>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

⁴⁵ Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,cidades-brasileiras-tem-atos-contr-a-cortes-federais-na-educacao,70002829707>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

cortar dinheiro da educação”. Durante todo o percurso cantaram músicas em defesa do sistema educacional público e contra o presidente da república. Gritos de “Ele não”, “Ele nunca” foram ouvidos durante a maior parte do evento, que apesar da chuva reuniu cerca de 150 mil pessoas segundo os organizadores. Partidos políticos, movimentos sociais e diversos setores da sociedade marcaram presença na passeata em solidariedade aos alunos e docentes.

2ª greve nacional da educação

O Ministério da Educação não revogou os cortes orçamentários nas instituições federais de ensino e as ruas brasileiras foram novamente palco de grandes passeatas convocadas por movimentos estudantis no dia 30 de maio de 2019. Ao avaliar os protestos anteriores, do dia 15 de maio, o presidente Jair Bolsonaro declarou que os manifestantes eram “uns idiotas úteis, uns imbecis, sendo usados como massa de manobra de uma minoria espertalhona que compõe o núcleo de muitas universidades federais no Brasil”⁴⁶, o que causou ainda mais indignação nos estudantes, professores e pesquisadores do país. A *hashtag* #30MpelaEducacao, em apoio ao movimento, chegou aos *trending topics* do Twitter no mundo.

A manifestação⁴⁷ no Rio foi mais uma vez realizada no Centro da cidade, onde as pessoas se concentraram na Candelária desde às 15 horas. Além das pautas relacionadas à educação, os manifestantes também se posicionaram contra a reforma da Previdência e a prisão do ex-presidente Lula. Ao entardecer, eles caminharam em direção à Cinelândia segurando cartazes com críticas ao governo federal e em defesa das universidades e institutos federais. Bolsonaro foi novamente o maior alvo das palavras de ordem, que condenavam seus ataques a autonomia das instituições de ensino superior. Faixas convocando a população para articular uma greve geral, reunindo todas as categorias de trabalhadores, também estavam presentes no ato. Segundo os organizadores, 100 mil pessoas participaram do protesto.

Greve geral

Em de 14 de junho de 2019, diversas categorias de trabalhadores aderiram a uma greve geral para protestar contra a reforma da Previdência, entre elas: bancários, rodoviários, servidores públicos, petroleiros, professores e estudantes. Eles paralisaram

⁴⁶ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48273326>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

⁴⁷ Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/ao-vivo-estudantes-e-professores-protestam-contracortes-na-educacao/>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

suas atividades durante esse dia para participar de manifestações por todo o país. Segundo as centrais sindicais e os movimentos sociais organizadores do movimento grevista, protestos ocorreram em 380 cidades de norte a sul do Brasil e reuniram milhões de pessoas. Além da pauta em defesa dos direitos previdenciários, a greve também reivindicou a reversão dos cortes na área de educação impostos pelo governo federal.

O ato⁴⁸ no Rio teve início no final da tarde, quando as pessoas começaram a se aglomerar na Candelária para ouvir os discursos de lideranças sindicais. Ao anoitecer, os manifestantes seguiram em direção à Central do Brasil protestando contra as mudanças nas regras de aposentadoria anunciadas pelo ministro da economia Paulo Guedes. Eles entoavam gritos como “Eu não abro mão da Previdência e nem da educação”, “Pisa ligeiro, quem mexeu com a Previdência atçou o país inteiro”, e “A nossa luta unificou é estudante junto com trabalhador”. Também levavam cartazes com frases de repúdio ao presidente Jair Bolsonaro, em defesa da democracia e pedindo a liberdade do ex-presidente Lula. Segundo os organizadores do evento, mais de 100 mil pessoas foram às ruas do Centro da cidade para participar da greve geral.

3ª greve nacional da educação

Em 13 de agosto de 2019, as entidades estudantis realizaram mais uma vez manifestações em todo o país contra Bolsonaro e os cortes de verbas no ensino público federal. A rejeição ao Programa Future-se⁴⁹, iniciativa lançada pelo Ministério da Educação que propõe parcerias público-privadas nas universidades federais, também foi uma das pautas levadas às ruas. Além disso, os manifestantes exigiam a renúncia imediata do ministro da justiça Sérgio Moro, após conversas vazadas entre o ex-juiz e outros integrantes da Operação Lava Jato indicarem uma relação promíscua entre eles para influenciar investigações, delações premiadas e sentenças⁵⁰.

Apesar da forte chuva, o protesto realizado no Centro do Rio⁵¹ contou com a presença de milhares de pessoas. A concentração para o ato aconteceu na Candelária, a partir das 15 horas, onde movimentos sociais, partidos políticos e centrais sindicais se reuniram para discursar às pessoas presente. No início da noite o público seguiu em

⁴⁸ Disponível em: <<https://www.brasilefato.com.br/2019/06/14/greve-geral-termina-com-mobilizacoes-em-360-cidades-contr-a-reforma-da-previdencia/>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

⁴⁹ Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/08/14/mais-de-40-federais-criticam-future-se-duas-rejeitam-adesao-ao-projeto.htm>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

⁵⁰ Disponível em: <<https://theintercept.com/series/mensagens-lava-jato/>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

⁵¹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/08/13/protesto-a-favor-da-educacao-reune-manifestantes-no-centro-do-rio.ghtml>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

direção à sede da Petrobras, onde exibiu cartazes, adesivos e faixas com mensagens pedindo mais investimentos em educação. O apoio a soltura do ex-presidente Lula ganhou ainda mais força nessa manifestação, devido as reportagens realizadas pelo site The Intercept expondo as conversas entre membros do Poder Judiciário citadas no parágrafo acima. Glenn Greenwald, jornalista responsável pela publicação do conteúdo, também ganhou o apoio dos manifestantes nessa passeata, pois naquele período ele estava sofrendo ameaças de grupos defensores do governo federal e do ministro Sérgio Moro.

Rio pela Amazônia

O aumento das queimadas na floresta amazônica gerou uma crise de proporções internacionais para o governo brasileiro⁵². Adeptos de uma política ambiental de incentivo a exploração econômica da Amazônia, o presidente Jair Bolsonaro e o ministro do meio ambiente Ricardo Salles viram o desmatamento na região chegar a níveis alarmantes em 2019, segundo dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE)⁵³. Ao invés de apresentarem medidas concretas para resolver o problema, eles contestaram a veracidade dos números, além de atacarem ambientalistas, cientistas e Organizações não-Governamentais. O então diretor do INPE Ricardo Galvão foi inclusive demitido do cargo após responder insultos de Bolsonaro, que também entrou em rota de colisão com o presidente da França Emmanuel Macron após ele criticar o Brasil pela falta de preservação da região amazônica.

Em 23 de agosto de 2019, pessoas em diversos países se uniram em uma greve global pelo clima para protestar contra os incêndios na Amazônia e a política ambiental do atual governo brasileiro. No Rio, a população se reuniu na Cinelândia⁵⁴, a partir das 17 horas, onde indígenas discursaram sobre a importância de preservar a natureza e os impactos climáticos que a destruição da floresta amazônica pode causar. Ao anoitecer, os manifestantes caminharam até a sede do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), gestor do Fundo Amazônia, iniciativa que tem como objetivo captar doações para investimentos em prevenção, monitoramento e combate ao desmatamento. Cartazes, faixas e cantos contra o ministro Ricardo Salles e o presidente da república

⁵² Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/08/queimadas-na-amazonia-acuam-governo-bolsonaro-e-criam-embate-com-macron.shtml>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

⁵³ Disponível em: <<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/11/18/desmatamento-na-amazonia-cresce-entre-agosto-de-2018-e-julho-de-2019-diz-inpe.ghtml>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

⁵⁴ Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/manifestantes-protestam-pela-amazonia-nas-principais-capitais-brasileiras/>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

estiveram presentes durante do o protesto, que foi convocado por grupos de defesa ao meio ambiente.

5.5 Abordagem fotográfica

Para garantir a máxima espontaneidade nas fotografias, prezou-se pela menor interferência possível no espaço. A captura das imagens foi realizada sem pedir autorização aos personagens ou solicitar que eles posassem para a câmera. Quando o autor apontou a máquina diretamente para o rosto das pessoas, tentou usar de máxima descrição para não ser invasivo nem causar inibição. A ideia foi afetar minimamente o comportamento das fotografadas, evitando qualquer tipo de constrangimento que pudesse influenciar na sua forma de protestar. Essa abordagem foi importante para registrar de forma orgânica o clima dos atos, possibilitando que os anseios das manifestantes fossem representados de forma natural e livres da intromissão de um agente externo.

5.6 Equipamentos técnicos

O registro fotográfico das manifestações foi realizado através de uma câmera Canon EOS Rebel T5i, com sensor APS-C e fator de corte de 1.6x. As imagens foram armazenadas em um cartão de memória de 16GB com boa taxa de transferência de dados. Não foi necessário o uso de tripé, pois o autor fotografou e caminhou simultaneamente durante os atos. Nos momentos de pouca luz natural, ou nenhuma, foi usado o flash externo Yougnuo Speedlite YN565EXII, com pilhas alcalinas recarregáveis, para garantir uma boa exposição às fotos.

O ambiente nos protestos era dinâmico e as pessoas dificilmente permaneciam paradas, o que motivou a escolha da principal lente utilizada no projeto: EF 24mm f/2.8 STM. Sua rapidez e versatilidade durante a focagem automática, aliadas ao seu pouco peso, permitiram que o autor fotografasse durante horas seguidas sem que essa experiência fosse desconfortável. Outro fator importante a ser destacado é o seu bom ângulo de visão. Em eventos com grande concentração de pessoas é difícil para o fotógrafo manter um bom distanciamento entre os objetos fotografados. Nesse caso, a distância focal de 24mm possibilitou que as imagens fossem capturadas com detalhes mesmo de perto. Trata-se também de uma lente clara, com boa abertura do diafragma, o que foi, junto ao uso do flash dedicado, essencial nos momentos de escassez de luz natural. Outras duas objetivas foram utilizadas durante o trabalho: EF-S 18-55mm f/3.5-5.6 IS STM e EF 50mm f/1.8 STM; EF 24mm f/2.8 STM.

5.7 Edição de imagens

Durante a cobertura fotográfica dos 14 protestos listados o autor registrou 3.504 imagens que evidenciaram a grande diversidade de manifestantes nas ruas do Rio de Janeiro. A primeira etapa do processo de edição correspondeu a uma filtragem desse montante para selecionar somente fotos de mulheres, onde o protagonismo feminino fosse exaltado de forma explícita. Foram escolhidas 147 fotografias seguindo os seguintes critérios: foco preciso, exposição passível de correção, apelo estético e adequação ao tema.

Em um segundo momento, a aplicação de um novo filtro ocorreu para eliminar registros semelhantes e com menor poder de impacto visual, resultando na seleção de 78 fotos. Inserido no software de edição *Adobe Lightroom*, esse material passou por uma edição com o objetivo de corrigir erros de exposição causados pela pouca luminosidade e/ou pelo uso do flash. As modificações foram realizadas de forma sutil para que não houvesse grandes mudanças estéticas e alterações no sentido das fotografias, fato que influenciou na decisão de manter as imagens coloridas e não em preto e branco.

Essas fotografias foram reveladas em papel fosco de tamanho 10x15 cm para que o efeito da edição pudesse ser observado em mãos e a escolha final das fotos fosse executada a partir de prévias de impressão. Após uma manipulação atenta, que levou em consideração o diálogo entre as imagens e o apelo emocional causado por elas, os melhores registros foram selecionados para compor o fotolivro “O protagonismo da mulher nas lutas de rua do Rio”. No apêndice deste trabalho, algumas dessas fotografias serão apresentadas.

5.8 Diagramação

O fotolivro foi produzido no software *CorelDRAW 2019*, respeitando a dimensão de 23x23cm, um formato quadrado. As imagens foram dispostas de forma que uma conexão pudesse ser estabelecida entre elas, sem a preocupação de organizar cronologicamente o material. A observação de aspectos técnicos e subjetivos influenciou diretamente nesse processo, já que as cores, o enquadramento e as mensagens presentes nas fotografias foram levadas em consideração. Algumas fotos sofreram cortes e redimensionamentos, permitindo sua melhor organização nas páginas diagramadas.

Finalizada essa etapa, o projeto foi salvo em dois formatos diferentes, já que o fotolivro será apresentado em uma versão digital e outra impressa. O arquivo destinado à impressão foi encaminhado para a empresa Trio Gráfica Digital, onde o fotolivro foi impresso em capa dura e com folhas de papel couché fosco de gramatura 150.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão acerca das questões de gênero é de grande relevância no atual momento político do Brasil, já que o conservadorismo e radicalismo de extrema-direita assumiram um papel de destaque na sociedade e no perfil do Congresso Nacional. Aliado ao fundamentalismo religioso neopentecostal, essa onda reacionária representa uma grande ameaça a autonomia e aos direitos das mulheres.

Neste trabalho, a temática foi abordada através de registros fotográficos, com o objetivo de apresentar as mulheres em uma posição de liderança nas lutas políticas e sociais na cidade do Rio de Janeiro. Durante a cobertura dos protestos fotografados, o autor observou que a presença feminina foi massiva e fundamental para que as pautas reivindicadas nesses eventos ecoassem pelo país. A participação das mulheres nessas mobilizações marca o processo de resistência dos setores progressistas aos governos do ex-presidente Michel Temer e do atual chefe do executivo Jair Bolsonaro.

Acompanhar de perto sua luta nos espaços públicos foi também uma oportunidade para o autor deste trabalho questionar seus próprios privilégios como homem branco em uma sociedade que historicamente oprime as mulheres. A maior contribuição que a fotografia pode oferecer é a oportunidade de observar o mundo através de um olhar crítico acerca das relações de opressão. Registrar imagens exaltando o protagonismo feminino nas manifestações foi uma forma de questionar o caráter patriarcal, machista e sexista da sociedade brasileira.

É importante destacar que as reflexões teóricas apresentadas neste projeto foram fundamentais para a melhor abordagem do tema proposto no fotolivro. A revisão de literatura permitiu aprimorar o conhecimento acerca das questões de gênero e os textos usados como referência ajudaram o autor a observar com maior sensibilidade as diferentes formas de opressão sofridas pelas mulheres. Da mesma forma, os dados das pesquisas aqui listados concederam maior credibilidade aos eixos temáticos discutidos ao longo da pesquisa.

O fato deste projeto ter sido desenvolvido por um homem, abordando questões relacionadas à representatividade feminina nas manifestações políticas e no fotojornalismo, pode ser apontado como um paradoxo. Esses assuntos não deveriam ser tratados por mulheres, já que são elas as principais afetadas por tais problemas? Ao optar por esse recorte temático, o autor estava consciente da possibilidade de receber críticas e as encara com total respeito. Seu objetivo nunca foi assumir um lugar de fala que não lhe pertence,

pois ele reconhece que o protagonismo das lutas das mulheres deve ser exclusivamente delas. No entanto, usar a fotografia e o jornalismo como ferramentas de transformação social, através de um olhar de apoio e solidariedade às suas reivindicações, pode ajudar a conscientizar a sociedade acerca da necessidade de debatermos os temas de gênero que permeiam a vida contemporânea.

Para minimizar os efeitos dessa relação paradoxal sobre o lugar de fala, mulheres foram entrevistadas e suas percepções sobre os assuntos discutidos foram apresentadas nos três capítulos do referencial teórico. Dessa maneira, o trabalho não foi elaborado através somente de uma visão masculina e externa às questões de gênero, mas com colaborações femininas expondo os pontos de vista daquelas que têm muito mais propriedade para falar sobre os problemas de uma sociedade ancorada em princípios patriarcais.

O desenvolvimento da parte prática deste trabalho foi desafiador desde o início. Fotografar protestos não foi uma tarefa fácil, pois o clima desses eventos é sempre marcado pela tensão entre manifestantes e as forças de segurança. A qualquer momento um confronto pode acontecer e as consequências podem ser danosas a integridade física do público presente. Ao carregar equipamentos fotográficos a pessoa fica ainda mais vulnerável, pois além de tornar-se “alvo” aos olhos das forças de segurança, tem sua mobilidade e capacidade de fuga para um ambiente seguro comprometidos. Vale destacar que o autor deste projeto não utilizou capacete, ou qualquer item de segurança, durante a cobertura das manifestações, o que poderia se traduzir em situação de grande vulnerabilidade caso ocorressem episódios de violência.

O fotolivro “O protagonismo da mulher nas lutas de rua do Rio” pode ser encarado como um retrato da participação feminina nos protestos de caráter progressista realizados na cidade do Rio entre 2017 e 2019. É importante ressaltar que manifestações feministas importantes, como a Marcha das Vadias e o Dia Internacional da Mulher não estão representadas neste trabalho. A ideia foi fotografar atos que não fizessem parte do calendário fixo desse movimento para demonstrar a força das mulheres na organização de mobilizações espontâneas e na participação dos protestos em oposição às políticas conservadoras impostas pelo atual governo e o anterior.

Por fim, com a produção deste projeto prático, esperamos que um maior contingente de alunas e alunos da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro sejam incentivados a usar a fotografia como ferramenta de direitos humanos na abordagem das questões referentes às relações de gênero e aos direitos das mulheres.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. G; PEIXOTO, Clarice Ehlers. Imagens de guerra: uma leitura sociológica do fotojornalismo. In: **Interseções – revista de estudos interdisciplinares**, v. 16 nº 2, Rio de Janeiro, p. 245-264, 2014.

ALMEIDA, Camila Romana. **Mídia Ninja: Os paradigmas do jornalismo postos em xeque**. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2013.

ALMEIDA, Ronaldo. Conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. In: **Revista Novos Estudos CEBRAP**, v. 38 nº1, São Paulo, p. 185-213, 2019.

BARBOSA, M. B.. Emoções que mobilizam ações: formas de engajamento político em tempos de crise. In: **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 18 nº53, João Pessoa, p. 85-95, 2019.

BEAUVOIR, Simone. História. In: **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4ª edição. São Paulo: Difusão Européia do Livro, p. 81-177, 1970.

BOLDT, E.V.. Formação de coletivos fotográficos midialivristas em um contexto de mudanças estruturais: mito, mercado e ativismo. In: 15º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. Anais do SBPJOR 2017. São Paulo, São Paulo: USP, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2012.

BRITO, Priscilla. Primavera Feminista: a internet e as manifestações de mulheres em 2015 no Rio de Janeiro. In: 13º MUNDOS DE MULHERES & FAZENDO GÊNERO 11. Anais do 13º Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero 11: Transformações, conexões e deslocamentos. Santa Catarina, Florianópolis: UFSC, 2017.

CHAVES, F. N.. A mídia, a naturalização do machismo e a necessidade de educação em Direitos Humanos para comunicadores. In: XIV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE. Anais do Intercom Norte 2015: Comunicação, Cultura e Cidade Espetáculo. Manaus, Amazonas: Uninorte, 2015.

FIDELES, Maricy; RABELO, Italo Menezes. Avanço do conservadorismo no Brasil: a PEC nº. 181/2015 e o regresso na legislação permissiva do aborto. In: **Revista de Políticas Públicas da UFMA**, v. 22 nº 2, São Luís, p. 665-685, 2018.

GONÇALVES, A. G. O. A. R.. Os olhos que não querem ver: o fotojornalismo em questão. In: 16º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. Anais do SBPJOR 2018. São Paulo, São Paulo: UAM/FIAM-FAAM, 2018.

KOCH, G. S.; CATELLI, M. R.. Manipulação de sentido pelo Fotojornalismo e as manifestações de junho de 2013: articulação da dualidade de sentido em uma fotografia. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem. Anais do ENCOI 2014. Londrina, Paraná: UEL, 2014.

KOSSOY, Boris. Fundamentos Teóricos. In: **Fotografia e História**. 4ª Edição. São Paulo: Ateliê Editorial, p. 37-54, 2012.

MULLER, L. A. ; DIAS, R. H. A.. A Fotografia como Ativismo: de Mulheres e por Mulheres. In: XX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL. Anais do Intercom Sul 2019. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: UniRitter, 2019.

OLIVEIRA, L. S.. Patriarcado, conservadorismo contemporâneo e os desafios para as mulheres no Brasil. In: **Revista de Políticas Públicas da UFMA**, v. 22 nº 2, São Luís, p. 845-862, 2018.

OLIVEIRA, R. C.. **Fotojornalismo contemporâneo: Análise da cobertura fotográfica da Mídia NINJA sobre os protestos de junho de 2013**. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo). Juiz de Fora: FACOM/UFJF, 2015.

SILVA, B. C. A. R et al. Machismo na Política e Seu Peso no Impeachment da Presidenta Dilma Rousseff. In: XIX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE. Anais do Intercom Nordeste 2017. Fortaleza, Ceará: Estácio, 2017.

SILVA, F. T. B.. Um jogo de mostrar e esconder: a fotografia como objeto dialético e material ideológico. In: XXIV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE. Anais do Intercom Sudeste 2019. Vitória, Espírito Santo: UFES, 2019.

SILVA, N. C.. Mulheres no fotojornalismo: influência cultural da formação na inserção profissional. In: 40º CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Anais do Intercom 2017: Comunicação, memórias e historicidades. Curitiba, Paraná: Universidade Positivo, 2017.

8. APÊNDICE A – IMAGENS DOS PROTESTOS

Parte das fotografias registradas ao longo dos 14 protestos será apresentada neste apêndice para que a parte escrita deste trabalho de conclusão de curso também mostre os rostos, faixas e cartazes das mulheres que ocuparam as ruas do Rio de Janeiro. Elas foram organizadas a partir de critérios que avaliaram semelhanças cromáticas, possibilidade de diálogo, conteúdo e enquadramento.

As páginas com duas imagens exibirão registros de ângulo mais aberto em formato retangular, onde será possível observar as mensagens carregadas pelas manifestantes e a grande concentração de pessoas nos protestos. Nas páginas com seis fotografias, retratos em formato quadrado serão expostos para que os rostos daquelas que lutaram bravamente nas ruas sejam apresentados. Para que o imaginário do leitor não seja influenciado pelo autor deste projeto, legendas não acompanharão as imagens. A ideia é que cada pessoa interprete o conteúdo de forma única e singular.









